

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Relatório Final

Pré-Escolar: A Primeira Realidade

2013

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Relatório Final

Pré-Escolar: A Primeira Realidade

Diana Alexandra Neto Pereira

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Vera Maria

Silvério do Vale

Outubro de 2013

Agradecimentos

Expresso aqui, os meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que me apoiaram na realização deste relatório.

À Doutora Vera do Vale pela orientação e apoio que prestou ao mesmo.

À Educadora Cooperante, à Assistente Operacional e principalmente a todas as crianças da instituição aonde desenvolvi o meu estágio, pois foram essenciais para as aprendizagens adquiridas, bem como para o crescimento profissional que esta experiência me proporcionou.

Às minhas colegas de turma pelas diversas opiniões e ajuda na tomada de decisões.

À minha família por todo o incentivo e esforços prestados durante esta etapa, particularmente à minha mãe.

Ao meu namorado Gustavo Rosário pela paciência, ânimo e companheirismo.

À Ana Carolina Dias pela amizade, compreensão e ajuda durante todos estes anos.

Título da Tese de Mestrado: Relatório Final – Pré-Escolar: A Primeira Realidade

Resumo: Este relatório pretende caracterizar a instituição, a equipa educativa e o grupo de crianças aonde estive inserida e com o qual convivi durante este percurso, e ainda expor a experiência e aprendizagens adquiridas no decurso da prática pedagógica. O estágio realizou-se num jardim-de-infância de carácter privado no concelho de Coimbra. O estudo dos documentos legais, as orientações escritas e orais disponibilizadas pela instituição e pela educadora, bem como a análise dos registos de observação mostraram-se essenciais para a elaboração deste relatório e para que respeitasse e seguisse um caminho metódico e verdadeiro.

O relatório divide-se em duas partes, sendo que a primeira contempla a contextualização e itinerário formativo referente à educação pré-escolar, descrevendo experiências adquiridas no decorrer do estágio; a segunda refere-se às experiências-chave que incluem uma investigação desenvolvida e a análise crítico-reflexiva de quatro pesquisas sobre temas significativos no meu processo formativo.

Palavras-chave: Educação Pré-Escolar, Brincar, Rotatividade de Salas, Pedagogia de Projecto, Necessidades Educativas Especiais

Abstract: This report aims to characterize the institution, the educative team and the group of children where I was inserted and with which I coexisted during this journey and further, to expose the experience and apprenticeships acquired in the course of the pedagogic practice. The traineeship happened in a pertaining kindergarten to a foundation of deprived children in the council of Coimbra. The study of the legal documents, the available written and oral directions for the institution and for the educator, as well as the analysis of the registers of observation they showed essential to the preparation of this report to respect and follow a methodical and true way.

The report is divided in two parts, being that the first one contemplates the contextualization and formative itinerary referring to the pre-school education, describing experiences acquired in the course of the traineeship; the second one refers to the experiences-keys that include a developed investigation and the analysis I reflexive-criticize of four inquiries on significant subjects in my formative process.

Keywords: Preschool Education, Play, Classroom Rotativity, Project Teaching, Special Educational Needs.

Índice

	Pág.
INTRODUÇÃO	1
PARTE I	
CONTEXTUALIZAÇÃO E ITINERÁRIO FORMATIVO	5
CAPÍTULO 1	
EVOLUÇÃO NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR	6
CAPÍTULO 2	
O COMEÇO	8
2.1 Caraterização da Instituição	8
2.2 Caraterização do Grupo	9
2.3 Práticas da Educadora	12
2.4 Espaço.....	13
2.5 Tempo	15
CAPÍTULO 3	
A MINHA INTEGRAÇÃO	16
3.1 Fase de Reconhecimento	16
3.2 Fase de Integração	17
3.3 Fase de Implementação	20

CAPÍTULO 4

RETROSPETIVA	21
--------------------	----

PARTE II

EXPERIÊNCIAS-CHAVE.....	26
-------------------------	----

CAPÍTULO 5

INVESTIGAÇÃO.....	26
-------------------	----

5.1 Ouvir as Vozes das Crianças.....	27
--------------------------------------	----

CAPÍTULO 6

PESQUISAS.....	39
----------------	----

6.1 A Importância do Brincar.....	39
-----------------------------------	----

6.2 Sistema de Ateliês/Oficinas.....	42
--------------------------------------	----

6.3 Pedagogia de Projeto.....	44
-------------------------------	----

6.4 Necessidades Educativas Especiais na Educação Pré-Escolar.....	46
--	----

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
---------------------------	----

BIBLIOGRAFIA.....	56
-------------------	----

ANEXOS.....	63
-------------	----

Índice de Abreviatura

ESEC – Escola Superior de Educação de Coimbra

JI – Jardim-de-Infância

ME – Ministério da Educação

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PCG – Projecto Curricular de Grupo

PEI – Projecto Educativo de Instituição

Índice de Quadros

Pág.

Quadro 1 – Benefícios da inclusão para crianças em contexto Pré-escolar...48

Índice de Gráficos

Pág.

Gráfico 1 – Constituição do Grupo de Crianças.....10

Gráfico 2 – “Porque é que os/as meninos/as têm de vir à escolinha?”.....28

Gráfico 3 - “Açam que a escolinha é importante? Porquê?”.....29

Gráfico 4 - “O que é que os/as meninos/as fazem na escolinha?”.....31

Gráfico 5 - “O que é que os/as meninos/meninas gostam mais na escolinha?”.....32

Gráfico 6 - “O que é que os/as meninos/as não gostam na escolinha?”.....33

Gráfico 7 - “Quem é que decide o que acontece na escolinha?”.....35

Gráfico 8 - “O que fazem as educadoras e assistentes operacionais na escolinha?”.....36

Gráfico 9 - “O que fazem os colegas na escolinha?”.....37

INTRODUÇÃO

Os educadores dos primeiros anos são as pessoas que ajudam as crianças a construírem as pontes de entendimento entre suas experiências individuais e os conhecimentos mais formais sobre o mundo, dos quais depende a educação posterior.

Moyles et al., 2006, p.216

Este relatório aborda a minha experiência durante o estágio em jardim-de-infância e encontra-se dividido em duas partes (contextualização e itinerário formativo; experiências-chave), organizadas por capítulos, respetivamente. Na primeira parte, o capítulo 1 destina-se a um breve destaque na evolução da educação pré-escolar; o capítulo 2 dá a conhecer a instituição, descreve o grupo e as práticas da educadora com quem trabalhei; seguidamente é apresentado um capítulo sobre a minha integração no jardim-de-infância, onde especifico algumas atividades que desenvolvi com as crianças; e, por último, é feita uma reflexão geral sobre todo este percurso.

Na segunda parte, o quinto capítulo expõe a investigação levada a cabo e baseada nas entrevistas feitas ao grupo de crianças; e por último, no capítulo 6 encontram-se identificados e analisados, de forma crítico-reflexiva, os temas escolhidos como relevantes neste processo formativo.

Por fim, são apresentadas considerações finais relacionadas com o estágio e com a elaboração do referente relatório. Como se encontra mencionado no Artigo 12º do Regulamento do Mestrado em Educação Pré-Escolar, em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e em Ensino dos 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico “ o Relatório Final será objeto de acto público de defesa, devendo ser elaborado individualmente por cada estudante e reflectir o percurso formativo, bem como a atitude crítica e reflexiva em relação a esse percurso”.

PARTE I

CONTEXTUALIZAÇÃO E ITINERÁRIO FORMATIVO

CAPÍTULO 1

EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

A educação pré-escolar, ainda que de frequência facultativa, é o primeiro degrau de um longo caminho educativo com um peso decisivo no sucesso escolar e social dos jovens, e o jardim-de-infância configura-se como um espaço de tempo privilegiado para aprendizagens estruturantes e decisivas no desenvolvimento da criança.

ME, 2008, p. 7

A primeira infância nem sempre ocupou lugar de destaque no sistema educativo, “por longo tempo perduraram visões da criança (...), ser que não fala, postulando sua ingenuidade, fragilidade, ausência de saberes e raciocínio abstrato, ‘papel em branco’, o que impunha projetos educativos em que a criança era objeto de controle do adulto, em ações predominantes de assistência.” (Oliveira-Formosinho, 2008, p.7). Estas orientações anularam “o direito à autonomia, ao brincar, à educação integrada aos cuidados, eliminou o protagonismo infantil, o uso da memória e da experiência na leitura do mundo.” (*id., ibid.*).

Em Portugal, a ideia de educação de infância era inovadora, mas em 1911 João de Deus Ramos, filho do poeta e pedagogo João de Deus (que publicara em 1876 a Cartilha Maternal), fundou em Coimbra o primeiro Jardim-Escola. Este método, inspirado nas ideias da Escola Nova, defendia que a aprendizagem da leitura e da escrita não devia ser concretizada em escolas e etapas distintas e que as crianças podem aprender, enquanto brincam, estimulando o gosto pela observação e pelo criar. “Aquilo que caracteriza mais este modelo é uma aprendizagem da

leitura, entendida como estimulação, iniciação e exercício de capacidades que deve ser iniciada na fase pré-escolar.” (Bairrão e Vasconcelos, 1997, p. 16). “Em 1920 iniciou-se o primeiro e durante largas décadas o único, curso de formação de Educadores de Infância em Portugal. Este curso tinha a designação de Curso de Didáctica Pré-Primária pelo Método João de Deus.”¹

Com o objetivo de impedir a entrega das crianças a vigilantes sem formação especializada, foi criado em 1940, também por João de Deus um Curso de Auxiliares de Educação Infantil que foi depois extinto em 1980. Entretanto, desde a data da sua criação e extinção foram-se introduzindo alterações na legislação aplicável, sobretudo devido às variadas interpretações dos sucessivos governos.

Foi, no entanto, só depois de 1974, com o novo sistema pós-revolução que se procurou alargar a pré-escolaridade a toda a população, com a intenção de diminuir as diferenças sociais, económicas, culturais e potencializar as capacidades das crianças.

A rede nacional de instituições de educação pré-escolar surgiu em 1978 e passou a integrar-se na escolaridade básica, que por sua vez, ficou sob responsabilidade do Estado.

Com a publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº46/86 de 14 de Outubro), reconheceu-se o importante papel da educação pré-escolar, garantindo que esta “se destina às crianças com idades compreendidas entre os 3 anos e a idade de ingresso no ensino básico.” (id., *ibid.*, Artigo 5º, ponto 3). Em 2001, com a publicação dos Decretos-Lei nº 240/2001 e 241/2001 de 30 de Agosto, foi imposta a exigência do grau de licenciatura aos educadores de infância e aos professores do 1º ciclo do ensino básico (CEB) e secundário, definindo simultaneamente as competências destes docentes.

¹ <http://www.joaodeus.com/associacao/>

CAPÍTULO 2

O COMEÇO

A educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família com a qual se deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário.

Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar, 1997, artigo 2º

2.1 Caraterização da Instituição

Durante oito meses desempenhei a prática educativa num Jardim-de-Infância (JI) pertencente ao Concelho de Coimbra, mais especificamente na Freguesia de Santa Clara. Esta instituição privada de solidariedade social e utilidade pública foi inaugurada a 12 de Julho de 1940, prestando apoio a sessenta e nove crianças com idades compreendidas entre os 3 e 6 anos, divididas em três grupos (grupo dos 3 anos, grupo dos 4 anos e grupo dos 5 anos).

Partilhando a mesma área geográfica encontra-se o Conservatório de Música, o Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra, o Exploratório – Centro de Ciência Viva de Coimbra, o Convento de Santa Clara-a-Velha, e outros serviços.

Em relação ao funcionamento, esta instituição encontra-se aberta ao público todos os dias úteis das 8h às 18h; o horário de atendimento aos pais mostra-se bastante flexível, sendo que estes acordam com a educadora, a melhor hora durante o dia/semana para se reunirem.

A equipa educativa é constituída por três educadoras desempenhando, simultaneamente, uma delas, funções de coordenadora, três assistentes operacionais e duas assistentes técnicas.

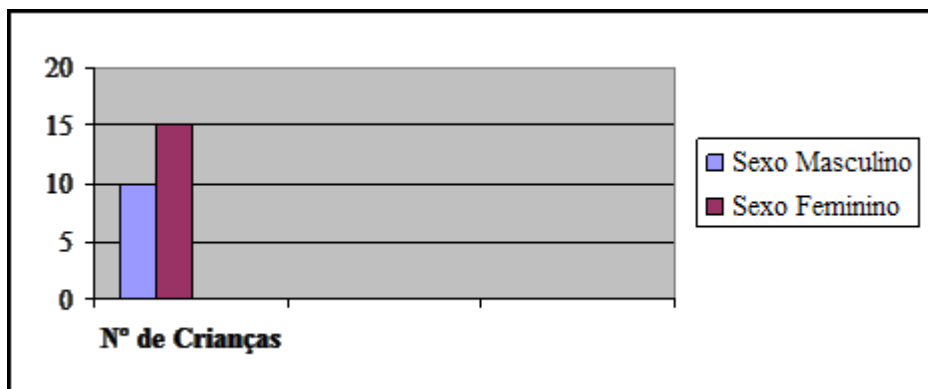
Quanto às atividades extracurriculares, uma vez por semana, as sessões de yoga são realizadas numa das salas do JI e as de natação desenvolvem-se numa outra instituição, com piscina. No caso desta última, a frequência é de duas vezes por semana, visto que os grupos estão organizados para que as crianças de 3 anos pratiquem natação às terças-feiras e as de 4 e 5 às quintas-feiras. Ambas as atividades são dirigidas por professores especializados.

O Projecto Educativo de Instituição (PEI) tinha como tema “*Brincar e aprender com as construções*” que resultou da valorização da importância do brincar no crescimento e dia-a-dia da criança. Apresentava como objetivos “o domínio das ciências; promover a literacia científica das crianças; alimentar a curiosidade; estimular o desenvolvimento cognitivo e emocional; desenvolver a capacidade de observar, o desejo de experimentar, a curiosidade de saber e a atitude crítica”.

2.2 Caraterização do Grupo

O grupo dos 5 anos, com o qual desenvolvi a minha prática pedagógica, caracteriza-se como sendo heterogéneo, tendo em conta que algumas crianças já tinham completado seis anos, constituído por vinte e cinco elementos (quinze raparigas e dez rapazes); demonstrou boa relação com os adultos do grupo e da restante instituição, facilidade de comunicação e de relacionamento e expressou o que desejava fazer, mas no entanto, necessitava da presença de um adulto, pois quando isso não acontecia geravam-se conflitos e alguma agitação entre eles.

Gráfico 1 – Constituição do Grupo de Crianças



Na relação entre eles, ainda revelam pouca serenidade na partilha dos brinquedos e brincadeiras, facilmente entram em conflito uns com os outros, mas ao mesmo tempo é possível observar a alegria quando chegam de manhã e quando se encontram. Nos momentos em que estão em grande grupo, verifica-se alguma dificuldade na concentração, pois qualquer estímulo os distrai.

É de valorizar que são crianças que, quase na totalidade participam nas rotinas, procurando o seu nome nas camas, guardando o guardanapo no cesto, calçando-se e vestindo-se e por vezes apertando os botões do bibe uns aos outros.

É um grupo que tem horários muito diversos de entrada e saída: algumas crianças chegam tarde, são pouco assíduas, não ficam para almoçar, não dormem, saindo às 15h, e não permanecem no período da tarde. Estes horários tornam difícil a gestão do tempo e das atividades a realizar. Cria um ambiente menos favorável ao companheirismo, ao desejo de participar nas tarefas e à integração no grupo.

No que diz respeito às preferências, manifestavam bastante interesse nas atividades livres: jogos de construção, casinha e desenhos.

Nas atividades de exterior: andar de baloiço, de escorrega, jogar à bola, correr e brincar.

Uma das crianças abandonou o grupo, porque teve de regressar com os pais, ao Brasil. A meio do ano letivo, o grupo acolheu uma menina de 5 anos, com Síndrome de Down. A sua faixa etária não correspondia, no entanto, ao desenvolvimento cognitivo, que se poderia situar no de uma criança de 2 anos. Este aspeto despertou-me alguma curiosidade, por isso, pesquisei e encontrei uma página na internet *Movimento Down* que fornece muita informação sobre crianças com esta deficiência e sugestões para educadores que se deparem com este problema.

Em geral, todo o grupo recebeu com entusiasmo a nova colega, incluíam-na nas brincadeiras, ajudavam-na a sentar-se no tapete de perninhas à chinês, compreendiam as suas limitações e mesmo assim partilhavam brinquedos. Esta relação beneficiou, não só a criança que apresentava deficiência, mas também as outras, que puderam, assim, deparar-se com outras realidades, outros problemas e superações.

Foi visível a evolução, em certos aspetos, como permanecer sentada, o reconhecimento de algumas canções, a imitação de gestos, a arrumação dos brinquedos e a diminuição de movimentos bruscos.

Fiquei surpreendida com a reação do grupo, tendo em conta que, mesmo depois de alguns momentos em que a colega nova, devido à sua condição, os podia ter magoado com esses gestos repentinos, mas não intencionais, nunca se verificou qualquer afastamento ou medo por parte deles, muito pelo contrário, notou-se uma aproximação, porque dia-a-dia iam descobrindo a melhor forma de interagir e conviver com ela.

2.3 Práticas da Educadora

O Projeto Curricular de Grupo (PCG) realizado pela educadora cooperante, intitulado por “1,2,3... *Vamos viajar e transformar outra vez*” apresenta como principais objetivos o conhecimento do mundo, das tradições e do relacionamento com o meio que nos rodeia.

A metodologia usada nas práticas da educadora é inspirada no modelo curricular High/Scope que apresenta como um dos objetivos fundamentais “encaminhar as crianças para a prática da aprendizagem ativa” (Tompkins 1991, citado por Brickman & Taylor, 1996) e “promove o desenvolvimento tanto das capacidades sociais como das cognitivas (...) a aprendizagem, ocorre por experiência direta – através de observação, exemplificação, tentativas e resolução de problemas – mais do que por meio de lições, repetições ou sistemas elaborados de recompensas e castigos.” (Hohmann 1991, citado por Brickman & Taylor, 1996).

Na maior parte das vezes a educadora proporcionava atividades de áreas diversificadas para que as crianças pudessem escolher o que queriam fazer; após essa escolha realizavam-se as tarefas selecionadas e no fim procedia-se a uma conversa em grupo sobre o resultado final, dificuldades, soluções e próximas ideias.

Foi adoptada, também, a Pedagogia de Projeto, que reconhece a criança como investigadora e o adulto apenas como um recurso permanente, agindo como orientador. Este aspeto foi bastante visível, tendo em conta que o PCG foi sugerido pelas crianças, ao manifestarem interesse em construir uma máquina do tempo.

Outra referência significativa no trabalho desenvolvido pela educadora é a perspetiva ecológica de Bronfenbrenner que defende que a aquisição de novos conhecimentos e capacidades, depende do

significado que as atividades têm para a criança e que um dos aspetos mais importantes é a relação entre o contexto e o indivíduo. Neste modelo considera-se, ainda, que a criança tanto é produtora como produto do desenvolvimento e quando inicia o percurso pré-escolar, os processos que ocorrem em casa e no Jardim-de-infância são levados para ambos os contextos, isto é, o que acontece em família é levado para a escola e vice-versa, influenciando e contribuindo para a evolução do seu desenvolvimento.

2.4 O Espaço

Os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender.

ME, 1997, p. 37

A organização do espaço é feita através de um sistema rotativo de salas/ateliês, em vez de ser atribuída, a cada grupo, um compartimento próprio, ou seja, nenhum grupo possui um espaço fixo, único. Um aspeto de realce neste sistema rotativo é o facto das crianças terem noção das suas brincadeiras, que diferem consoante o espaço onde se encontram e é de notar, que os trabalhos são expostos em todas as salas, o que proporciona o contato com as produções dos grupos.

O respeito pelos trabalhos dos outros é bastante valorizado, bem como a arrumação das salas para que o próximo grupo possa usufruir do espaço da melhor maneira. A organização e utilização do espaço condicionam tanto as interações como tudo aquilo que as crianças têm possibilidade de fazer e aprender e assim sendo, influenciam a dinâmica dos grupos.

A rotatividade é expressa na programação semanal, seguindo um calendário de utilização previamente afixado. Tal como sugerem as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) (ME,1997, p.37), “a organização e a utilização do espaço são expressão das intenções educativas e da dinâmica do grupo” e por isso, as educadoras programam as atividades tendo em conta os espaços que lhes são atribuídos em cada dia e as possibilidades que estes lhes oferecem. (Anexo I).

É de ter em conta que quando as atividades que estão a decorrer numa sala, não forem terminadas nesse espaço, a educadora tem a liberdade de optar por concluí-las na sala para onde vai a seguir, ou pode continuá-las no dia seguinte, quando voltar a ocupa-la. Esta forma de organização e metodologia possibilitaram-me o contato com todas as crianças da instituição, para além do grupo dos 5 anos, onde estava inserida, o que torna visível o ambiente íntimo e de familiaridade que se vive e se sente ao entrar naquele jardim-de-infância.

O espaço interior da instituição encontrava-se organizado em três salas: Sala das Cores, mais direcionada para atividades de expressão plástica, jogos de construção, jogos de mesa e biblioteca; Sala dos Cantinhos, disposta por áreas, jogo simbólico, biblioteca, jogos de mesa, de construção e música; Salão vocacionado para atividades de motricidade e grande grupo.

Esta última funciona paralelamente com a Sala das Cores, como dormitório, na hora da sesta. Existem, também, duas casas de banho, (uma destinada, apenas às crianças e outra aos adultos), um refeitório, uma copa e um gabinete. (Anexo II e III).

No espaço exterior, as crianças dispõem de uma varanda, o coreto, baloiços, escorrega, casinhas de madeira, pontes de corda, varão para escorregar, triciclos e um grande relvado. O recreio era, sem dúvida, o tempo e o espaço onde as crianças se sentiam mais livres, pois podiam

correr, saltar, gritar; na sala de atividades havia mais regras que era necessário cumprir. Notei uma grande diferença na boa disposição das crianças quando chegou o bom tempo e já era mais agradável permanecermos ao ar livre; no inverno, quando não é possível circular por todo o recreio, o único espaço coberto no exterior que podem usufruir para brincar é a varanda. Mas mesmo assim, a educadora tentava levar o grupo para o exterior, calçando-lhes as galochas, vestindo-lhes os blusões e dando, a cada um, o seu guarda-chuva.

2.5 O Tempo

Porque o tempo é de cada criança, do grupo de crianças e do educador, importa que haja uma organização do tempo decidida pelo educador e pelas crianças.

ME, 1997, p. 40

As rotinas são um aspeto importante na autonomia e bem-estar da criança, já que, ao ter conhecimento dos momentos que se vão seguindo ao longo do dia, no jardim-de-infância, torna-se mais confiante, independente e segura de si, mais livre para realizar as suas brincadeiras e para se envolver nas actividades da sala. Como referem as OCEPE, “a independência das crianças e do grupo passa por uma apropriação do espaço e do tempo que constitui a base de uma progressiva autonomia, em que vai aprendendo a escolher, a preferir, a tomar decisões e a encontrar critérios e razões para as suas escolhas e decisões.” (ME, 1997, p. 53).

Esta sequência de acontecimentos que compõem o dia-a-dia das crianças facilita, por um lado, a socialização, a tomada de decisões, resolução de problemas e conforto, e por outro, a organização do tempo

para o(a) educador(a). Por essa razão, é importante não alterar as rotinas sem avisar previamente as crianças e sem apresentar um motivo para essa mudança. A rotina diária, principalmente a dos momentos destinados à higiene, alimentação e descanso é vista como um plano do dia, o que é suposto acontecer, e facilita a noção da passagem do tempo. (Anexo IV).

A organização do tempo no espaço educacional deve ser planeada de forma flexível, respeitando os ritmos de cada criança e deve abranger, tanto a educação, como as especificidades imaginativas das mesmas.

CAPÍTULO 3

A MINHA INTEGRAÇÃO

3.1 Fase de Reconhecimento

Esta primeira fase baseou-se na observação do contexto educativo, ou seja, organização do ambiente educativo, práticas da educadora cooperante e recolha, tratamento e sistematização de dados, definindo aspetos curriculares relevantes.

Desde o primeiro instante, tanto eu como a minha colega estagiária fomos bem recebidas, tomámos conhecimento das instalações, de toda a equipa e das crianças presentes, que desde logo nos acolheram com muita vivacidade e boa disposição.

Nas primeiras semanas desempenhámos o papel de observadoras, embora participássemos e auxiliássemos tanto nas tarefas do dia-a-dia,

como nas atividades de sala, por exemplo, na higiene, almoço/lanche e na leitura de algumas histórias sugeridas pela educadora.

A observação, para além de me ter ajudado a perceber o funcionamento do grupo, a conhecer cada criança individualmente, as práticas da educadora e o currículo que estava a ser desenvolvido, também contribuiu para que mais tarde soubesse como agir.

As expectativas para os períodos seguintes, neste estágio, centraram-se, essencialmente, em conseguir realizar atividades lúdicas com as crianças, proporcionando-lhes experiências divertidas e proveitosas que servissem, de igual modo, para deixar transparecer valores e regras que no quotidiano lhes fossem úteis e que mais tarde os ajudassem no bom exercício da cidadania.

Nesta fase, o tema mais abordado foi o *Natal* devido à proximidade da data festiva. As crianças construíram, cada uma, a sua árvore de natal, de cartão em forma de cone envolvido em fios de lã colados, que no final ofereceram à família. Foi após algumas reuniões com a educadora e através do estudo dos projetos (educativo de escola e curricular de grupo/sala) que foi possível adaptar-me às funções que me competiam, mas foi a convivência com as crianças e as situações mais ou menos complicadas, surgidas no dia-a-dia que me ajudaram, primordialmente, a desempenhar de forma mais correta a tarefa a que estava votada.

3.2 Fase de Integração

Nesta fase o principal objetivo centrava-se na integração progressiva no contexto educativo, isto é, numa atuação pedagógica em colaboração com a educadora cooperante. Realizei com as crianças atividades que pretendiam: desenvolver o interesse pela comunicação e diálogo,

reconhecer diferentes comportamentos humanos, trabalhar a construção frásica e as capacidades de escutar, tocar e cantar, memorizar, desenvolver o raciocínio, trabalhar os membros superiores e inferiores, o controlo postural e o espírito de equipa.

Estrategicamente utilizaram-se alguns meios como conversas em grande grupo, levantamento de questões, registo das opiniões/ideias das crianças, leitura de histórias, exploração de ilustrações e de instrumentos musicais, reprodução de algumas canções e realização de jogos.

Todas estas ações destinaram-se a cumprir o atrás citado objectivo. Estas atividades foram planificadas a curto prazo, seguindo as orientações da educadora, e juntamente com a minha colega de estágio preparámos uma tabela que serviu de base para todas as planificações que elaborámos, progressivamente (Anexo V).

Uma das primeiras planificações a ser elaborada referia-se a uma atividade iniciada pela educadora, que se focava no modo de vida dos nossos antepassados próximos. Este assunto surgiu devido à intervenção da avó de uma das crianças do grupo, que levou para a sala, utensílios característicos e utilizados naquela época. Após uma explicação sobre cada um deles, na hora do lanche fizeram broas de milho com o auxílio de alguns desses instrumentos, seguindo as indicações da avó da criança.

As estagiárias continuaram a desenvolver este tema, aproveitando a máquina do tempo, anteriormente construída pelo grupo, no âmbito do PCG e viajaram para o passado, para o tempo dos avós, onde realizaram uma teia expondo o que já sabiam e o que faltava descobrir; elaboraram um painel do tempo diferenciando os hábitos e costumes entre os dias de hoje e o tempo dos avós; orientámos, ainda, uma sessão em que o grupo teve a oportunidade de brincar como e com o que estes se divertiam (carrinho de rolamentos, jogo da macaca, das latas, das pedrinhas, das caricas, bolas de sabão, etc.) (Anexo VI).

A relação estagiária/crianças mostrou-se mais íntima, nesta fase, o que permitiu um maior à-vontade e confiança na realização das atividades. “Para que as crianças aceitem os adultos em seu brincar precisam ser desenvolvidos relacionamentos baseados em mútua confiança e respeito.” (Moyles et al., 2006, p. 105).

Ao desenvolver um contato mais direto com o grupo, senti-me mais capaz de apoiar o raciocínio infantil na resolução de problemas/conflitos e fomentar a confiança recíproca que se verifica no conteúdo dos diálogos possíveis. Por outro lado, as crianças mostraram-se progressivamente mais abertas, comunicativas e afáveis, com tentativas de aproximação.

“O desenvolvimento da confiança nos outros, autonomia, iniciativa, empatia e auto-confiança proporciona a base para a socialização pela qual a criança passa na transição para a vida adulta.” (Hohmann & Weikart, 2011, p. 65). Todo este comportamento levou-me a deduzir que o relacionamento entre ambas as partes melhorou, visto que o bom ambiente e bem-estar manifestaram-se através dos pedidos constantes de “colinho”, de ajuda nas suas dificuldades e de companhia nas brincadeiras.

As crianças pareceram entusiasmadas com as propostas que as estagiárias apresentaram, já que ao fim de cada actividade, o *feedback* retirado foi positivo: colaboraram com o que lhes foi proposto, opinaram e expuseram alternativas.

3.3 Fase de Implementação

No dia 17 de Abril de 2013 eu e a minha colega estagiária iniciámos a implementação do projeto pedagógico designado por *Viagem ao tempo dos príncipes e das princesas*, inserido no projeto de grupo *Brincar e aprender com as transformações*, já iniciado pela educadora cooperante. Tendo em conta que o grupo tinha construído uma máquina do tempo para poderem visitar o passado e o futuro, surgiu o interesse em conhecer melhor o modo de vida dos príncipes e princesas.

Este tema enquadrou-se no projeto que estava a ser desenvolvido pela educadora devido aos assuntos tratados até então, que focaram o modo de vida no tempo dos avós, ou seja, as “*viagens*” seguiram uma ordem desde o presente, passando pelo tempo dos avós e por último até aos príncipes e princesas. O facto de terem recuado até ao passado permitiu-lhes um novo conhecimento sobre o que já havia acontecido. “Os adultos aprendem ao lado das crianças sempre que se permitem ser capturados pela mesma curiosidade que prende os mais novos.” (Hohmann & Weikart, 2011, p. 79).

Com este projeto concretizámos diversificadas ações como leitura de histórias, visitas/saídas de grupo, elaboração de um painel do tempo, acessórios e cenários, pinturas e desenhos, construção de um livro/flanelógrafo, dança, reconto e dramatização de uma história.

As crianças participaram ativamente em todas as atividades, deram sugestões e mostraram-se satisfeitas com os resultados apresentados. O mesmo se verificou por parte das famílias que contribuíram para a realização dos projetos, facultando fotografias, imagens e objetos correspondentes às épocas exploradas. “Ajudar as crianças a aprenderem a ajudar-se a si próprias é uma das melhores formas de os adultos serem úteis às crianças.” (Hohmann & Weikart, 2011, p. 47).

CAPÍTULO 4

RETROSPETIVA

Durante este estágio tive a possibilidade de pôr em prática muitos dos conhecimentos adquiridos até à data, nomeadamente a desenvolver uma boa relação educadora-crianças e a selecionar estratégias a adotar numa sala de atividades para proporcionar um ambiente de aprendizagem e bem-estar que fomentem o desenvolvimento das crianças.

O bem-estar e segurança dependem também do ambiente educativo, em que a criança se sente acolhida, escutada e valorizada, o que contribui para a sua auto-estima e desejo de aprender.

ME, 1997, p. 21

A planificação de um projeto foi um dos grandes desafios com que me deparei durante esta fase, assim como o receio de não conseguir cumprir todos os objetivos estipulados e da reação do grupo de crianças face a esse mesmo projeto. A sua implicação e envolvência foram sempre aspetos a ter em conta e de grande importância.

Outro desafio foi a integração de uma menina com Síndrome de Down, no grupo, a meio do ano, o que alterou um pouco a dinâmica das atividades, mas as crianças foram bastante acolhedoras e foi possível adaptar as planificações para que todos pudessem estar envolvidos na realização das tarefas.

Tanto por parte das crianças como da educadora, os comentários e observações foram sempre positivos e construtivos, as conversas em

grupo demonstraram sempre grande entusiasmo por parte das crianças, bem como o *feedback* dado pela educadora após cada atividade.

Durante esta intervenção como estagiária pude realmente aperceber-me de que muito há ainda a aprender e que apenas no terreno essa aprendizagem é possível. Toda esta bagagem que fui armazenando até aqui tornou-se muito mais real a partir do momento em que pude pôr em prática esses conhecimentos e melhorá-los com a ajuda das educadoras, assistentes operacionais, toda a equipa da instituição, pais e sobretudo com as próprias crianças, pois são elas o reflexo do trabalho de uma educadora.

A próxima etapa será conseguir tornar-me uma boa educadora e concretizar projetos que possibilitem às crianças aumentar os seus conhecimentos e alimentar os seus sonhos e fantasias. Acredito que durante este estágio e no decorrer da realização do projeto *Viagem ao tempo dos príncipes e das princesas* algumas dessas fantasias e desejos puderam ser realizados, tendo em conta a implicação e bem-estar demonstrado pelo grupo no decorrer da realização de todas as etapas propostas.

Os registos anotados também demonstraram o mesmo, pois os comentários foram positivos, o que realmente conforta uma educadora estagiária.

PARTE II

EXPERIÊNCIAS-CHAVE

CAPÍTULO 5

INVESTIGAÇÃO

Um trabalho de investigação possui como indutor uma questão ou problema que se procura aprofundar, e obter resultados concretos. Tal como refere Fortin (2006, p.73), uma questão de investigação deve apresentar-se como: “Um enunciado interrogativo claro e não equívoco que precisa os conceitos chave, especifica a população alvo e sugere uma investigação empírica”.

Com este trabalho tenta-se compreender e analisar a perspetiva das crianças em relação à sua experiência educativa, tendo em conta que estas devem ser ouvidas, principalmente nas matérias que lhes dizem respeito, o que pode, certamente, ajudar o adulto (neste caso o educador), a tomar decisões mais favoráveis e que irão ao encontro dos desejos e necessidades das crianças.

Esta pesquisa realizou-se através da observação direta e pessoal, num jardim-de-infância, ambiente natural e confortável para as crianças e que pretendia a aquisição de dados para o estudo do problema desta investigação. Pretendia-se esclarecer qual a importância que as crianças atribuem aos adultos, aos colegas, e o que pensam acerca da sua vivência diária no JI.

5.1 Ouvir as Vozes das Crianças

Este estudo baseou-se numa entrevista semiestruturada, “uma vez ser considerada pela literatura um bom formato para levar a cabo entrevistas com crianças” (Oliveira-Formosinho, 2008, p. 43), com um guião orientador e que decorreu como uma conversa entre as educadoras estagiárias e duas crianças por sessão, (com exceção de uma sessão que decorreu com três crianças, em vez de duas), num total de 11 sessões. Foi garantida a autorização dos pais, bem como da direção da instituição e a identidade dos entrevistados nunca foi divulgada.

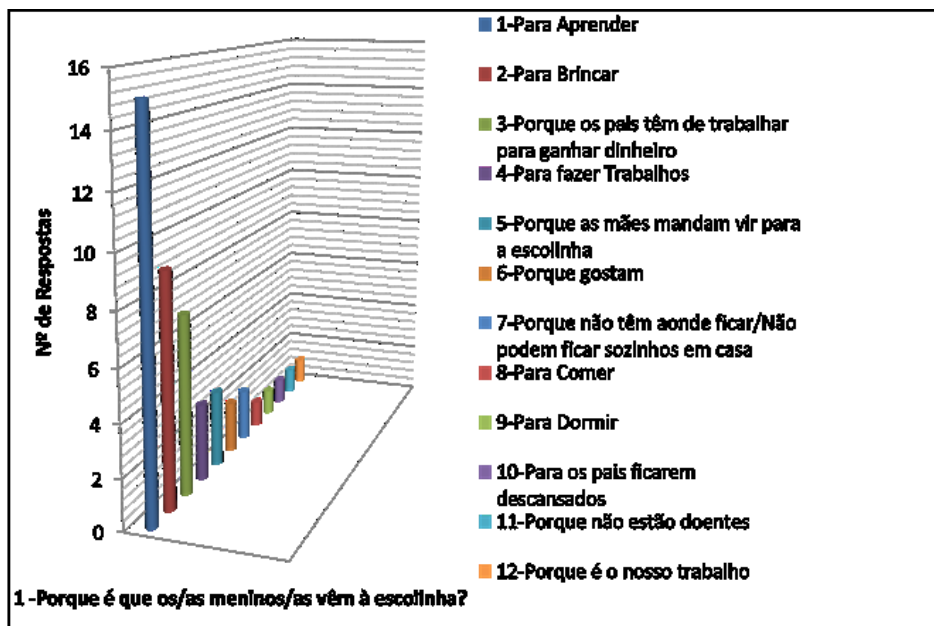
As entrevistas foram guardadas apenas em registo áudio para que, posteriormente fosse possível a sua transcrição e análise dos dados.

A amostra é constituída por 23 crianças, sendo 13 do sexo feminino e 10 do sexo masculino com idades compreendidas entre os 5 e os 6 anos de idade. Foram feitas 9 questões que constavam de um guião previamente elaborado (Anexo VII).

São apresentadas, em anexo, as entrevistas transcritas (Anexo VIII), bem como as tabelas de análise e tratamento dos dados (Anexo IX).

Nos gráficos abaixo apresentados encontram-se os resultados das entrevistas, do maior para o menor número de respostas, organizados por categorias, seguindo-se uma breve análise dos mesmos.

Gráfico 2 - Categorias e distribuição de resultados referentes à questão: “Porque é que os/as meninos/as têm de vir à escolinha?”



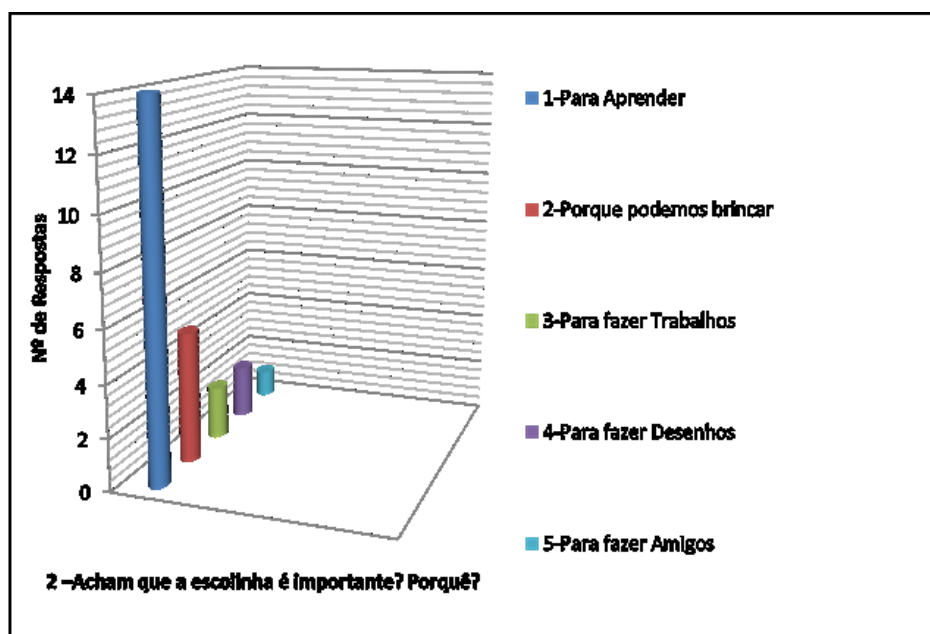
As respostas apresentadas nos gráficos foram agrupadas em categorias, de modo a ser mais fácil a sua leitura e perceção dos interesses das crianças. Assim, no gráfico 2:

Categorias	Resultados
Categoria Tarefas	- “Para Aprender” - “Para Brincar” - “Para Fazer Trabalhos” - “Porque é o nosso Trabalho” - “Porque Gostam”
Categoria Família	- “Porque os pais têm de trabalhar” - “Porque as mães mandam ir para a escolinha” - “Porque não temos onde ficar/Não podemos ficar sozinhos em casa” - “Para os pais ficarem descansados”
Categoria Cuidados	- “Para Comer” - “Para Dormir”

Como é possível verificar, as crianças apresentam um conhecimento sobre o porquê de frequentarem o JI, o que é suposto fazerem e o que acontece durante o dia. Na sua maioria têm a perfeita noção de que uma “escolinha” serve para aprender aquilo que os adultos já sabem, embora também grande número delas mencionem a importância do brincar com os amigos e dos cuidados que se prestam na instituição, assim como sabem que os pais não podem ficar com eles em casa. As condições familiares, indiscutivelmente, representam as condicionantes de algumas respostas, o que também se verifica com as condições económicas de cada criança.

Verificou-se um resultado de 46 respostas totais, tendo em conta que algumas crianças deram mais do que uma.

Gráfico 3 - Categorias e distribuição de resultados referentes à questão: “Acham que a escolinha é importante? Porquê?”



No gráfico 3:

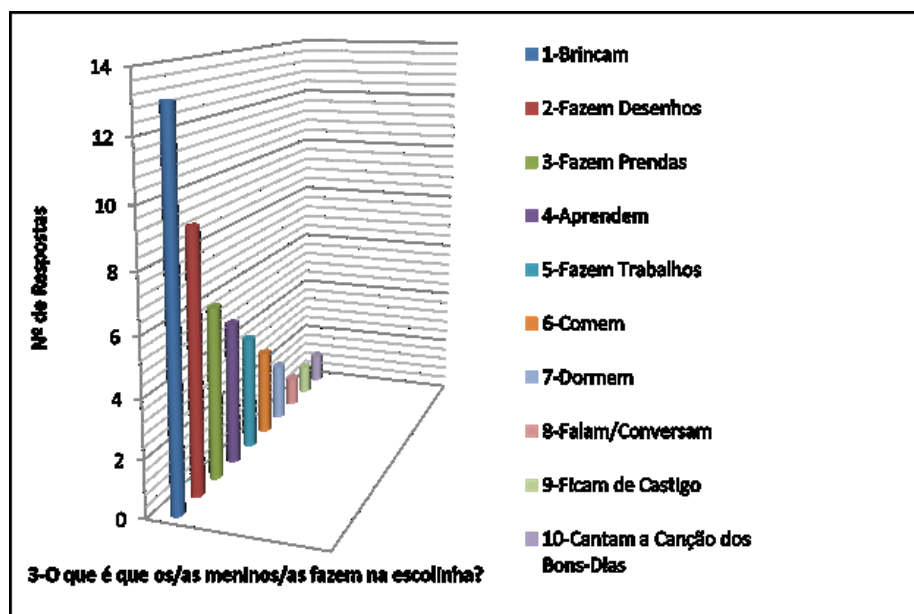
Categorias	Resultados
Categoria Atitudes	- <i>“Para fazer Trabalhos”</i> - <i>“ Para fazer Desenhos ”</i>
Categoria Socialidade	- <i>“ Porque podemos brincar ”</i> - <i>“ Para fazer amigos ”</i>

A leitura do gráfico 3 leva-nos às seguintes conclusões: nas crianças desta idade é primordial atrair a atenção para uma tarefa que as mantenha concentradas, embora o brincar se considere como o principal “trabalho” da criança, nesta fase da sua vida.

Há várias opiniões sobre a necessidade de focar a atividade dos (as) educadores (as) para o desenvolvimento da concentração; há quem defenda que a missão principal será a de preparar para a etapa seguinte (1º CEB) e quem, pelo contrário, defenda que o pré-escolar não deve ser um plinto para essa nova fase que se avizinha e se deve contagiar a criança com experiências, sonhos, fantasias e brincadeiras, pois têm uma vida inteira pela frente e é fundamental o desenvolvimento da criatividade e das expressões.

Verificou-se um resultado de 24 respostas totais, tendo em conta que algumas crianças deram mais do que uma resposta.

Gráfico 4 - Categorias e distribuição de resultados referentes à questão: “O que é que os/as meninos/as fazem na escolinha?”



No gráfico 4:

Categorias	Respostas
Categoria Trabalhos	- “Fazem Desenhos” - “Fazem Prendas” - “Fazem Trabalhos”
Categoria Lúdico	- “Brincam” - “Aprendem” - “Falam/Conversam” - “Cantam a Canção dos Bons Dias”
Categoria Rotina	- “Comem” - “Dormem”
Categoria Repreensão	- “Ficam de Castigo”

Como se depreende do gráfico 4, as crianças têm como principal objetivo o brincar que, na realidade lhes é facultado em primeiro lugar.

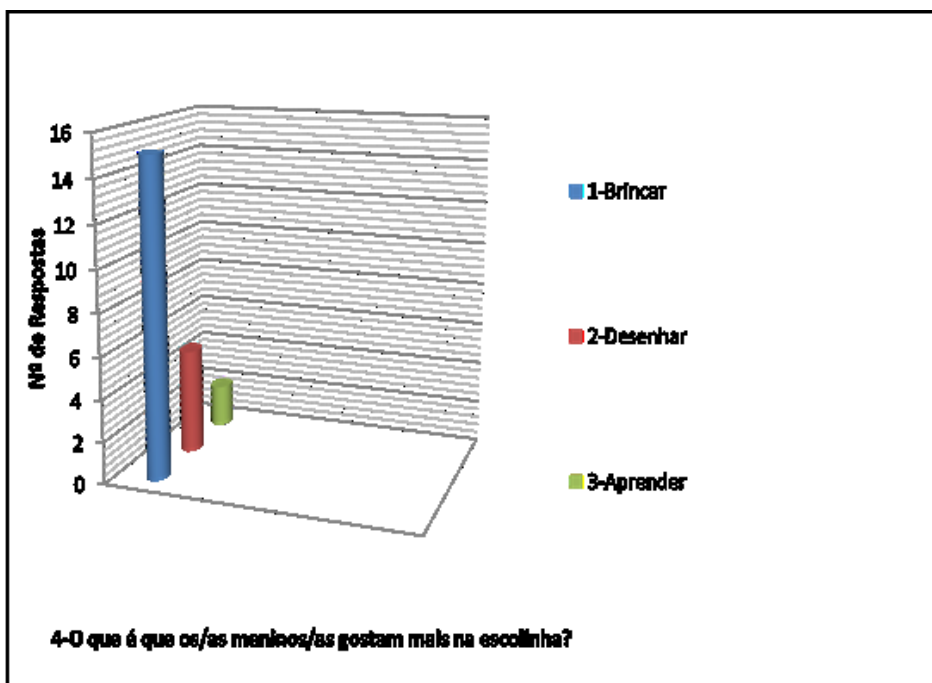
O desenho livre é também para elas um “brincar” de que gostam, embora, como já se disse, a concentração nestas idades não se pode prolongar por muitos minutos, pois o desejo de se implicarem noutra

atividade e de quererem mudar constantemente, obriga-os a não se manterem fixos.

A atividade física é imprescindível para o crescimento da criança, para a sua satisfação pessoal, bem como para o desgaste de energias que precisam de ser libertadas. Realizar trabalhos para oferecerem aos pais é uma referência que as crianças apontam como habitual e até mesmo os próprios progenitores esperam por esses pequenos gestos.

Verificou-se um resultado de 45 respostas totais, tendo em conta que algumas crianças deram mais do que uma resposta.

Gráfico 5 - Categorias e distribuição de resultados referentes à questão: “O que é que os/as meninos/meninas gostam mais na escolinha?”



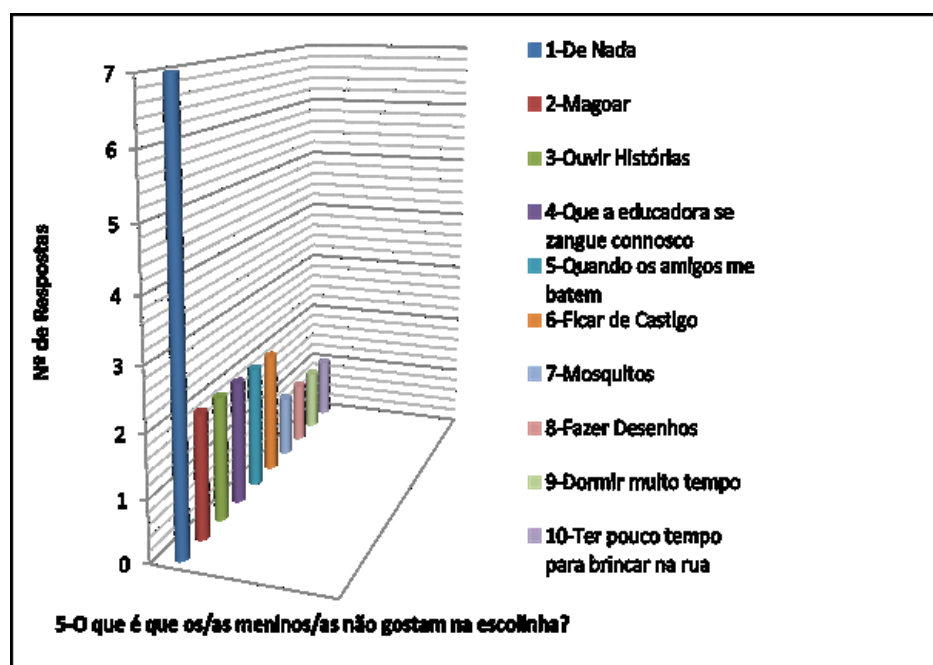
No gráfico 5:

Categorias	Resultados
Categoria Preferências	- “Brincar” - “Desenhar” - “Aprender”

Este gráfico revela tudo aquilo que já atrás se disse. Podemos realçar que através desta atividade lúdica também se aprende a lidar com os colegas, a viver em comunidade, a saber ouvir e saber ceder. Também é de notar que imediatamente a seguir ao brincar, a escolha das crianças incidia no “desenhar”

Verificou-se um resultado de 22 respostas totais, tendo em conta que uma criança não respondeu.

Gráfico 6 - Categorias e distribuição de resultados referentes à questão: “O que é que os/as meninos/as não gostam na escolinha?”



No gráfico 6:

Categorias	Resultados
Categoria O Sofrer	- “Magoar” - “Que a educadora se zangue connosco” - “Quando os amigos me batem” - “Ficar de castigo” - “Mosquitos”
Categoria Desgostar	- “Ouvir histórias” - “Fazer Desenhos” - “Dormir muito tempo” - “Ter pouco tempo para brincar na rua”
Categoria Gostar	- “De nada”

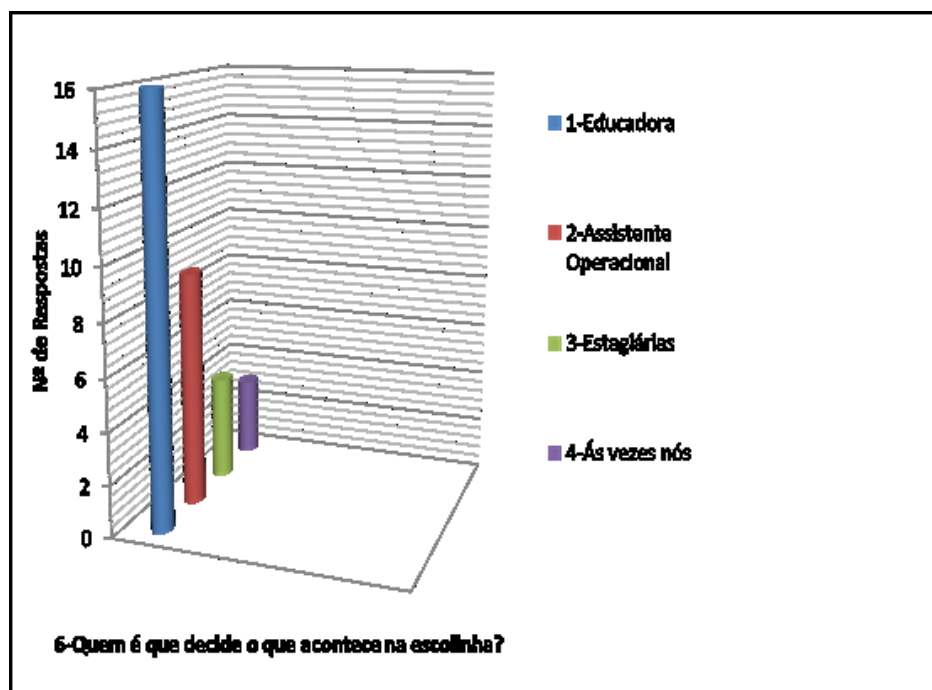
Como é possível verificar através da leitura do gráfico 6, a maioria das crianças referiu que na escolinha os/as meninos/as não gostam de nada, ou seja, gostam de tudo. Mais uma vez confirmou-se que o brincar é o melhor do mundo para as crianças e por isso, não ter tempo para isso é quase uma catástrofe para elas.

Durante a minha prática educativa encontrei crianças que acima de tudo colocam a sua liberdade, outras que preferem a convivência com os colegas e se lamentam por não os ter, também, em casa.

Pelo contrário, o medo de se magoarem, de ficarem de castigo e desiludirem a educadora é uma preocupação de muitos. Interessante e inesperado foi a referência ao incómodo causado pelos mosquitos, possivelmente devido à época em que foi realizada a entrevista.

Verificou-se um resultado de 21 respostas totais, tendo em conta que duas crianças não responderam.

Gráfico 7 - Categorias e distribuição de resultados referentes à questão: “Quem é que decide o que acontece na escolinha?”



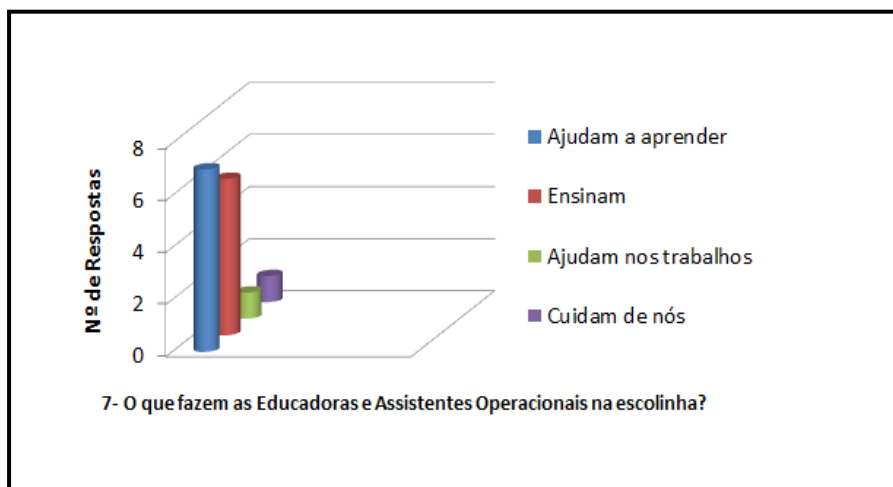
No gráfico 7:

Categorias	Resultados
Categoria Decisões	- “Educadora” - “Assistente Operacional” - “Estagiárias” - “Às vezes nós”

Através deste gráfico compreende-se que as crianças reconhecem a autoridade dos adultos na instituição, confiando neles, respeitando-os e obedecendo-lhes, mas também apreciam quando estes lhes conferem a possibilidade de serem elas a decidir o que se vai fazer. Entusiasmam-se mais quando isto acontece, sentem-se realizados, importantes para a dinâmica do grupo e aproximam-se, na sua mente, do papel do adulto.

Verificou-se um resultado de 32 respostas totais, tendo em conta algumas crianças deram mais do que uma resposta.

Gráfico 8 - Categorias e distribuição de resultados referentes à questão: “O que fazem as educadoras e assistentes operacionais na escolinha?”



No gráfico 8:

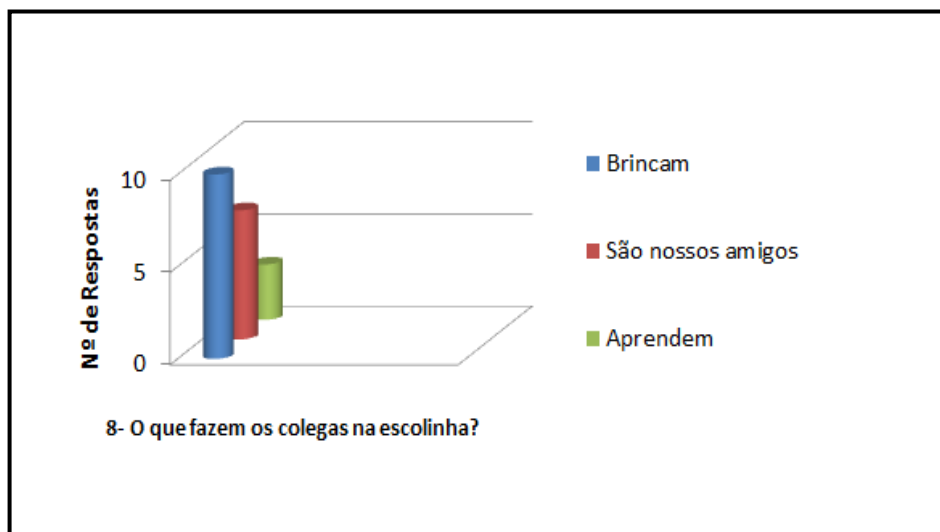
Categorias	Resultados
Categoria Proteção	- “Cuidam de nós”
Categoria Trabalhar	- “Ajudam a aprender” - “Ensinam” - “Ajudam nos trabalhos”

Com a leitura do gráfico chegou-se à conclusão de que as crianças reconhecem a importância dos (as) educadores (as) e assistentes operacionais no dia-a-dia do JI.

Mais ou menos rebeldes, o que é normal em crianças nesta faixa etária, obedecem, normalmente, aos adultos que dentro do jardim-de-infância as ajudam, as ensinam, brincam com elas e partilham emoções.

Verificou-se um resultado de 21 respostas totais, tendo em conta duas crianças não responderam.

Gráfico 9 - Categorias e distribuição de resultados referentes à questão: “O que fazem os colegas na escolinha?”



No gráfico 9:

Categorias	Resultados
Categoria Amizade	- “<i>Brincam</i>” - “<i>Aprendem</i>” - “<i>São nossos amigos</i>”

É do conhecimento comum que muitas amizades de jardim-de-infância se mantêm durante toda a vida. Pelo gráfico anterior reforcei essa ideia e pude observar que as crianças partilham da mesma opinião, já que, consideram os amigos que vão conquistando, muito importantes para eles. Muitos querem conviver com eles fora do contexto de JI, o que revela a cumplicidade que se cria e a vontade de fazerem parte da vida uns dos outros.

Normalmente têm sempre, na “escolinha” colegas mais próximos, alguns porque são seus semelhantes, porque necessitam de proteção e eles gostam de lha dar, ou porque querem ser protegidos.

Verificou-se um resultado de 21 respostas totais, tendo em conta duas crianças não responderam.

Conclusão.

Salvo raras exceções todas as crianças gostam de frequentar o jardim-de-infância, no que diz respeito aos entrevistados para esta investigação. Era notável a alegria e o entusiasmo todas as manhãs quando se encontravam nos bengaleiros para vestirem os bibes, na sala, enquanto cantavam a canção dos bons dias e durante as brincadeiras. A minha integração foi facilitada pelo grupo, tendo em conta a sua abertura e à vontade.

A partir da investigação realizada e das entrevistas, confirmei a ideia de que as crianças eram felizes, sociáveis e recebiam bem quem contactasse com elas. As respostas às perguntas levadas a cabo foram ao encontro do esperado e idealizado, mas no entanto, houve algumas que ultrapassaram mesmo as expetativas, pela positiva.

Também se pôde verificar que praticamente todos os meninos e meninas reconheceram a importância de frequentarem o JI, tanto para eles como para os pais.

Assim, toda esta investigação decorreu de forma positiva e ajudou-me a reforçar a confiança na minha acção profissional e a tornar-me melhor futuramente.

CAPÍTULO 6

PESQUISAS

6.1 A Importância do Brincar

Existem tantas definições do brincar quanto existem maneiras de brincar (...) e nenhuma definição abrangerá todas as ideias, percepções, experiências e expectativas que cada um de nós tem em relação à palavra.

Moyles et al., 2006, p.96

Durante um longo período considerou-se que brincar não era fundamental para o desenvolvimento físico e mental das crianças, mas, de facto, esta atividade surge, como método de aprendizagem e, de igual modo, como forma de controlar as atitudes e comportamentos das mesmas. Atualmente é visto e aceite como uma atitude natural na infância e, para além disso, não é exclusivo do ser humano, tendo em conta que esta ação também é partilhada com outras espécies.

Na primeira infância é através do brincar que as crianças se expressam, pois mostram situações a que assistem em casa ou mesmo no jardim-de-infância; muitas vezes revelam os seus medos, mas sobretudo permite-lhes refletir e encontrar soluções para problemas e dificuldades com que se deparam no dia-a-dia, o que lhes dará mais autonomia, liberdade e confiança para encararem situações novas sem receio.

É nos momentos de brincadeira que vão construindo e desenvolvendo a sua personalidade e criatividade, tanto ao brincarem sozinhas como interagindo com outras pessoas, mesmo adultos, visto que o cumprimento de regras, o saber ouvir, a tomada de decisões, o

controlo de frustrações, a calma e o saber esperar pela sua vez, possibilita uma boa relação com os que as rodeiam.

O envolvimento do adulto na atividade lúdica da criança pode apresentar-se como participação ou como iniciação. Na participação o adulto brinca com a criança ou ao lado dela, enquanto na iniciação apenas desenvolve ou cria uma situação de brincadeira, reconhece problemas, aconselha e apoia na solução dos mesmos. (Moyles, 2006, p. 32-33)

Não é apenas no jardim-de-infância que a criança brinca ou que deve brincar. Em casa, os pais também poderão interagir com os seus filhos nas atividades lúdicas, visto que assim estarão a ajudá-los, igualmente, a aprender a brincar com os seus pares, mas essa intervenção não deve ser tida como invasão, mas sim como uma parceria.

Atualmente, para os casais que optam por ter apenas um filho, e/ou para as crianças que permanecem no seio familiar, durante os primeiros anos de vida, esta implicação no brincar é essencial para o desenvolvimento global da criança.

Como Hutt e colaboradores (1989 citados por Moyles, 2006) indicam, “não é o envolvimento no brincar imaginativo o que é significativo para o desenvolvimento da criança, e sim a intervenção ativa dos adultos nesse brincar.” (p. 116).

Questões complexas e situações traumáticas são possíveis de abordar por meio do brincar, pois o estado de implicação e bem-estar da criança na atividade lúdica permitir-lhe-á abstrair-se do “peso” do assunto e discuti-lo com maior naturalidade e leveza.

Segundo Schwartzmann (1978 & Feitelson 1977 citados por Moyles, 2006), existem quatro factores importantes para um bom desenvolvimento do brincar imaginativo na primeira infância e assim verifica-se que as crianças precisam de ter:

- Materiais adequados para brincar de forma imaginativa;

- Um período longo de tempo;
- Espaço;
- Uma “atitude” favorável, isto é, incentivo e modelagem, manifestada pelos adultos do ambiente. (p. 42).

Brincar não tem objectivos extrínsecos. As suas motivações são intrínsecas não estando ao serviço de outros objectivos. (...) Brincar é uma actividade espontânea e voluntária. Não obrigatória e escolhida livremente por quem brinca.

Garvey, 1979, p.7

Durante o estágio pude verificar que na maioria do tempo as crianças se encontravam a brincar na sala, no tapete com os jogos e construções, nos cantinhos da lojinha, do cabeleireiro, da cozinha, da biblioteca, ou no exterior. Era nesses momentos que se podiam perceber as relações entre eles, ter em atenção as conversas que muitas vezes refletiam as suas preocupações, dúvidas, os seus problemas e angústias que partilhavam com os amigos.

A felicidade era visível bem como o bem-estar e implicação nestas atividades lúdicas, embora nas restantes tarefas, que muitas das vezes partiam das suas decisões e interesses esse modo de estar se mostrasse igualmente presente. Devemos incentivar a criança a brincar, a mergulhar nas suas fantasias em vez de reprimi-las e de as tornar, cedo demais, em adultos sérios e responsáveis.

O brincar vê-se, assim, como um ensaio para a vida adulta e tal como refere (Dolto, 1999, p. 110), “privar uma criança de brincar é privá-la do prazer de viver”.

6.2 Sistema de Ateliês/Oficinas

O sistema de ateliês ou oficinas pode denominar-se, igualmente, por sistema de rotatividade de salas, em que, como o próprio nome indica, o grupo de crianças em vez de possuir uma sala única, própria, tem a possibilidade de percorrer várias salas de atividades durante o dia, num horário previamente estabelecido e planificado.

Para Marcano (1999, p.20), esta organização do espaço e do tempo favorece “un desarrollo íntegro de la personalidad, la inteligencia y la imaginación”, facilita “el «aprender jugando» ” e promove “una educación motivadora”, já que o educador percebe a necessidade que as crianças sentem de mudar de atividade, após um determinado tempo (p.31-21).

Para manter ativo o interesse e evitar a monotonia nas tarefas propostas, estas alterações frequentes mostram-se benéficas para a concentração, bem-estar e implicação das crianças em todos os momentos do quotidiano escolar. Mudar o espaço onde se realizam as atividades possibilita a promoção da interdisciplinaridade e consequente flexibilidade entre temas.

Trabalhar em oficinas/ateliês permite às crianças a constante procura de soluções para os seus problemas do quotidiano e facilita as criações individuais nas atividades que mais as agradam. As oficinas são vistas como áreas que proporcionam aprendizagens e o gosto pelas descobertas através de atividades lúdicas e aonde decorrem ações que apostam no desenvolvimento de competências cognitivas, afetivas, sensoriais e motoras.

No decorrer da minha prática este foi um dos aspetos que me despertou maior interesse, pois nunca me tinha deparado com este sistema de organização do espaço e do tempo.

Ao contrário do que se pensa, trabalhar segundo o sistema de ateliês/oficinas não promove a inquietação e agitação das crianças, muito pelo contrário, pois com o que vivenciei pude verificar que ao mudarem de espaço e muitas vezes até de tarefas, as crianças quebram a sua ansiedade e recomeçam as atividades com maior implicação, brincam com outros objetos, já que em cada sala existem brinquedos e materiais diferentes, logo a vontade de manipulá-los é muito grande.

Quanto às brincadeiras, estas também não têm de ser obrigatoriamente interrompidas, pois o facto de mudarem de espaço não implica que terminem a sua brincadeira, aliás, quando precisam, as crianças podem pedir à educadora para transportarem algum objeto para a sala seguinte.

Durante o período que o grupo se mantém numa sala, todos têm a oportunidade de brincar no tapete, nos cantinhos, mas também ocupam a sua vez nas mesas de trabalho, para fazer desenhos livres, desenhos para a pasta dos colegas e outros trabalhos diferenciados.

Para a criança, o espaço é o que sente, o que vê, o que faz nele. Portanto o espaço é sombra e escuridão, é grande, enorme ou, pelo contrário, pequeno; é poder correr ou ter que ficar quieto, é esse lugar onde ela pode ir para olhar, ler, pensar. O espaço é em cima, em baixo; é tocar ou não chegar a tocar; é barulho forte demais ou, pelo contrário, silêncio; é tantas cores, todas juntas ao mesmo tempo ou uma única cor grande ou nenhuma cor... O espaço, então, começa quando abrimos os olhos pela manhã em cada despertar do sono, desde quando, com a luz, retornamos ao espaço.

Battini (1982 citado por Barros de Oliveira 2000)

6.3 Pedagogia de Projeto

“A introdução de projetos em contextos escolares está ligada ainda, na Europa, ao movimento designado como *Escola Nova* e às suas conceções de aprendizagem activa *pela vida e para a vida* que se traduziram na obra de Décroly, Cousinet e Freinet” (ME, 1998, p. 99).

Existem dois grandes tipos de projetos utilizados na educação pré-escolar:

- “os projectos educativos ou pedagógicos do(s) educador(es), que procuram o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças (...) e implicam directamente educadores e crianças, embora possam ter a colaboração de pais e outras pessoas da comunidade”;
- “os projectos educativos de escola/estabelecimento implicam todos os intervenientes que directa ou indirectamente têm a ver com a educação das crianças”. (ME, 1998, p. 97).

Um projeto pedagógico permite abordar diferentes áreas de conteúdo com o auxílio de atividades diversificadas e organiza-se segundo três questões fundamentais: o *porquê*, o *para quê* e o *como*, que se referem à razão da existência do projeto, às formas de encontrar uma resposta/solução e aos processos necessários para atingir os resultados do mesmo.

Deve-se ter em conta que para responder a estas questões é necessária a preparação de um plano que esclareça quem são os intervenientes do projeto e quais são as suas funções e papéis a desempenhar.

Deste modo é importante não confundir estes dois conceitos: o projeto idealiza a transformação de uma ideia, que deverá ter como fim primordial os interesses das crianças e o plano mostra-se como uma linha orientadora, um manual de instruções para que se possa executar o projeto, com sucesso.

“A palavra *projeto* está ligada à de previsão de algo que se pretende realizar e tem diversas aceções que correspondem a graus diferentes dessa previsão” (ME, 1998, p. 91).

Esta pedagogia tem como foco a resolução de problemas, revela benefícios na aquisição de aprendizagens significativas pelas crianças, tais como a capacidade de imaginação, de pesquisa, de explicação das suas ideias e a criação e desenvolvimento de hábitos que persistirão ao longo das suas vidas.

Vasconcelos et al. (2012) referem que “as crianças estão em projecto sendo, simultaneamente, autoras de si próprias” (p. 10), num espaço em que tanto a sala de actividades como todo o jardim-de-infância se tornam num “grande laboratório de pesquisa e reflexão.” (Rinaldi 2005 & Vasconcelos 2009 citados por Vasconcelos *et al.* 2012).

Esta experiência-chave teve uma grande importância tanto no estágio que desempenhei como naquilo que espero conseguir ser e concretizar futuramente como educadora. Na instituição onde realizei a minha prática educativa esta pedagogia encontrava-se muito presente.

Como referi anteriormente, existia um projeto que abrangia todos os grupos do estabelecimento, bem como, internamente, cada grupo de crianças escolhia e desenvolvia o seu próprio projeto.

A metodologia aplicada na instituição inspirava-se no modelo curricular High/Scope que por sua vez defende e utiliza a pedagogia de projeto, com a qual concordo e me identifico, pois a criança é vista como principal agente, são tidos em conta as suas vontades e desejos e o adulto apenas desempenha o papel de orientador.

Assim, os projetos desenvolvidos deverão partir das ideias das crianças, pois serão elas as realizadoras dos mesmos.

Mesmo quando não há um projecto expresso, projectamos a cada momento aquilo que somos naquilo em que nos queremos tornar.

Kohn (1982 citado por ME 1998)

6.4 Necessidades Educativas Especiais na Educação Pré-Escolar

Considera-se que uma criança requer educação especial “se tiver dificuldades significativamente maiores para aprender, do que a maioria das crianças da sua idade, ou se tiver uma incapacidade que a impede ou que lhe coloca dificuldades no uso dos meios educativos geralmente oferecidos nas escolas” (Brennan 1990 citado por Madureira & Leite 2003).

As necessidades educativas especiais, na educação infantil, só recentemente ganharam exposição e relevância, tanto no aspeto social, como no aspeto docente. Em Portugal, até 1822, este problema não se levantava por que se atribuía à influência demoníaca e, simultaneamente, além da vergonha que os progenitores tinham em divulgar a diferença que atingia os seus filhos, também, aqueles não eram capazes de saber lidar com entes, para si estranhos.

O abandono e a rejeição apareciam como únicas soluções, até que, com a proclamação da liberdade de ensino, em 1820, se passou a aceitar, como cidadãos com direitos iguais, todos os indivíduos, incluindo os portadores de deficiência.

No ano de 1971, o Estado Novo publicou a Lei nº 6/71 que foi a primeira lei de bases da reabilitação e integração de pessoas deficientes. Em consequência, foi apenas dois anos mais tarde que se decretou a criação de departamentos de educação especial e em Junho de 1994,

Portugal assina, em conjunto com 22 outros países, a Declaração de Salamanca que aponta como principal objetivo desenvolver uma educação inclusiva, que promova um atendimento a todas as crianças, sobretudo àquelas que têm necessidades educativas especiais.

Em 1997, com a publicação do Despacho Conjunto nº 105/97 foi reconhecida a importância da atuação dos professores com formação especializada; em Janeiro de 2008 com a publicação do Decreto-Lei 3/2008 revogou-se o Decreto-lei 319/91 e instituiu-se um novo quadro conceptual. Com tudo isto, compete à escola educar com êxito as crianças, incluindo as que apresentam incapacidades graves.

Atualmente conhecem-se alguns fatores que permitem um saudável desenvolvimento da criança com Síndrome de Down, como o incentivo das pessoas que a rodeiam, a estimulação precoce, bem como um ambiente rico em estímulos.

*A maioria das crianças com síndrome de Down estará num estágio de desenvolvimento social e emocional anterior aos dos seus colegas devido às dificuldades de aprendizagem.*²

A inclusão pretende oferecer à criança com NEE experiências de vida comuns e promover a sua participação em todas as atividades da escola. Como referem as OCEPE, na “perspectiva de escola inclusiva, a educação pré-escolar deverá adoptar a prática de uma pedagogia diferenciada, centrada na cooperação, que inclua todas as crianças, aceite as diferenças, apoie a aprendizagem, responda às necessidades individuais.” (ME, 1997, p. 19).

² <http://www.movimentodown.org.br>

Não se pretende converter em normal um indivíduo com deficiência, mas sim aceitá-lo como ele é, com as suas deficiências, reconhecendo-lhe os mesmos direitos que aos demais e oferecendo-lhes as condições necessárias para que ele possa desenvolver ao máximo as suas possibilidades e viver uma vida o mais normal possível.

Bautista (1997 citado por Ribeiro 2010)

Segundo Wolery & Wilbers (1994 citados por Ribeiro 2010), os benefícios para essa inclusão podem ser analisados, esquematicamente, através do seguinte quadro:

Quadro 3 - Benefícios da inclusão para crianças em contexto Pré-escolar

Benefícios da inclusão para crianças em contexto Pré-escolar	
Benefícios	Descrição dos Benefícios
Crianças com dificuldades	São afastadas dos efeitos da educação segregada, incluindo os efeitos negativos dos rótulos e das atitudes negativas. São-lhes proporcionados modelos competentes que lhes permitem aprender novas competências adaptativas e/ou aprender, por imitação, quando e como utilizar as competências que já possuem. Estão em contacto com pares competentes com quem interagem e aprendem novas competências sociais e de comunicação. Têm oportunidade de estabelecer relações de amizade com as crianças normais.
	Têm oportunidade de formular ideias mais realistas e precisas acerca de crianças com NEE.

Crianças sem dificuldades	Têm oportunidade de desenvolver atitudes positivas em relação aos outros que são diferentes. Têm oportunidade de desenvolver comportamentos altruístas e de os utilizar. Estão em contacto com crianças que apesar das dificuldades ultrapassam desafios.
---------------------------	--

Fonte: (Wolery & Wilbers, 1994)

Na minha prática educativa tive a possibilidade de contactar diretamente com uma menina de 5 anos, com Síndrome de Down (Trissomia 21), o que me despertou para este tema e que durante o estágio me desafiou na preparação das atividades, de modo a incluí-la na realização das mesmas.

É de notar que esta criança era de etnia cigana, com fracos ou médios recursos económicos, o que pode ter originado a sua privação de contato com a comunidade exterior e apresentava um desenvolvimento cognitivo correspondente à idade de 2 anos, isto é, ainda não falava, mas foi notável o progresso desde a sua integração no grupo.

No início era visível a dificuldade em sentar-se, principalmente de pernas cruzadas, o brincar apenas com um jogo de cada vez, a partilha dos mesmos e a socialização com as restantes crianças do grupo. No entanto, estas situações foram progredindo, verificando-se uma evolução no reconhecimento dos colegas, da educadora; a assimilação da rotina; a autonomia na dinâmica dos acontecimentos decorrentes na sala de atividades e a exteriorização de sentimentos, com sorrisos, abraços e gargalhadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta última parte dedica-se à apresentação das considerações finais referentes à elaboração deste relatório.

Fui confrontada com algumas dúvidas e dificuldades na preparação do mesmo, especificamente no que dizia respeito à organização dos textos, à estruturação, o que, de facto, transparecia a minha falta de preparação para realizar um trabalho deste nível, mas que, posteriormente, se foi tornando mais acessível e, ao mesmo tempo, me fui sentindo mais confortável.

A pesquisa de bibliografia, tanto a que já tinha sido aconselhada pelas professoras, como a que foi seleccionada por mim, serviu de base a todo este trabalho, proporcionando um maior entendimento, estruturação e consolidação dos conhecimentos e matérias que adquiri até hoje.

Com o decorrer do estágio tive a possibilidade de me consciencializar das minhas competências, o que sabia, o que não sabia e era necessário aprender e aprofundar, de pôr em prática estratégias e acções perante um grupo de crianças.

A prática educativa juntamente com a elaboração deste relatório permitiram-me progredir a nível pessoal e profissional, bem como refletir sobre o e como actuar enquanto educadora, tendo em conta que muito ainda há para aprender e que a responsabilidade da educação e do cuidar de uma criança acarreta uma constante procura do saber e do melhorar esses conhecimentos. Concluo, desta forma, o meu relatório final com um excerto de um poema de Guerra Junqueiro que reflete a importância do educador na vida futura da criança.

*As almas infantis são brandas como a neve,
São pérolas de leite em urnas virginais:
Tudo quanto se grava e quanto ali se escreve,
Cristaliza em seguida e não se apaga mais.*

Junqueiro, 1974, p. 386

BIBLIOGRAFIA

- Bairrão, J. & Vasconcelos, T (1997). A Educação Pré-Escolar em Portugal: Contributos para uma Perspectiva Histórica. *Inovação*. 10: 16.
- Barros de Oliveira, V., Antunha, E., Pérez-Ramos, A., Bomtempo, E. & Aquino Noffs, N. (2000). *O Brincar e a Criança do Nascimento aos Seis Anos*. Editora Vozes. Petrópolis.
- Brickman, N. & Taylor, L. (1996). *Aprendizagem Activa – Ideias para o apoio às primeiras aprendizagens*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- Dolto, F. (1999). *As etapas decisivas da infância*. Martins Fontes. São Paulo.
- Fortin, M. (2006). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Lusociência. Loures.
- Garvey, C. (1979). *Brincar*. Moraes Editores. Lisboa.
- Hohmann, M. & Weikart, D. (2009). *Educar a criança*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- Junqueiro, G. (1974). *Obras de Guerra Junqueiro*. Lello & Irmão - Editores. Porto.
- Marcano, B. (1999). *Talleres integrales en educación infantil – Una propuesta de organización del escenario escolar*. Ediciones De La Torre. Madrid.

Ministério da Educação (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Ministério da Educação. Lisboa.

Ministério da Educação (1998). *Qualidade e projecto na Educação pré-escolar*. Ministério da Educação. Lisboa.

Ministério da Educação (2008). *Linguagem e Comunicação*. Ministério da Educação. Lisboa.

Moyles, J. et al. (2006). *A excelência do brincar*. Artmed. Porto Alegre.

Oliveira-Formosinho, J., Kishimoto, T. & Pinazza, M. (2007). *Pedagogia(s) da infância – Dialogando com o passado, construindo o futuro*. Artmed. Porto Alegre.

Oliveira-Formosinho, J. (2008). *A Escola Vista pelas Crianças*. Porto Editora Lda. Porto.

Ribeiro, M. (2010). *Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar*. Relatório de Estágio em Educação Pré-Escolar. Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Bragança, Bragança. 104 pp.

Vasconcelos, T. et al. (2012) *Trabalho por Projectos na Educação de Infância: Mapear Aprendizagens, Integrar Metodologias*. Ministério da Educação e Ciência – Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Legislação Consultada:

Decreto-Lei n.º 241/2001 de 30 de Agosto. Diário da República n.º 201 – I Série A. Ministério da Educação. Lisboa.

Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro. Diário da República n.º 237 – I Série. Ministério da Educação. Lisboa.

Lei n.º 5/97 de 10 de Fevereiro. Diário da República n.º 34 – I Série A. Ministério da Educação. Lisboa.

Webgrafia:

Associação de Jardins Escolas João de Deus. Informação acedida em:
<http://www.joaodeus.com/associacao/detalhe.asp?id=3>, a 3 de Setembro de 2013

Bhering, E. & Sarkis, A. (2009, Julho-Dezembro). Modelo bioecológico do desenvolvimento de Bronfenbrenner: implicações para as pesquisas na área da Educação Infantil. *Revista Horizontes*. 27: 10. Acedido em: 12, Agosto, 2013, em <http://pt.scribd.com/doc/100872853/1-Modelo-bioecologico-do-desenvolvimento-de-Bronfenbrenner-implicacoes-para-as-pesquisas-na-area-da-Educacao-Infantil-16555>

Caiala, C., Santos, F. & Rodrigues, M. (2012). *A importância da organização do tempo e do espaço na educação infantil*. PET Pedagogia. Acedido em: 5, Setembro, 2013, em: <http://petpedagogia.blogspot.pt/2012/07/a-importancia-da-organizacao-do-tempo-e.html>.

Movimento Down. Acedido em: 22, Julho, 2013, em:
<http://www.movimentodown.org.br/2013/02/educacao-infantil/>

Porto Editora (2013). *Infopédia – Enciclopédia e Dicionário Porto Editora*. Acedido em: 8, Setembro, 2013, em:
<http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/projecto>.

Priberam (2013). *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Acedido em: 1, Setembro, 2013, em <http://www.priberam.pt/DLPO/>.

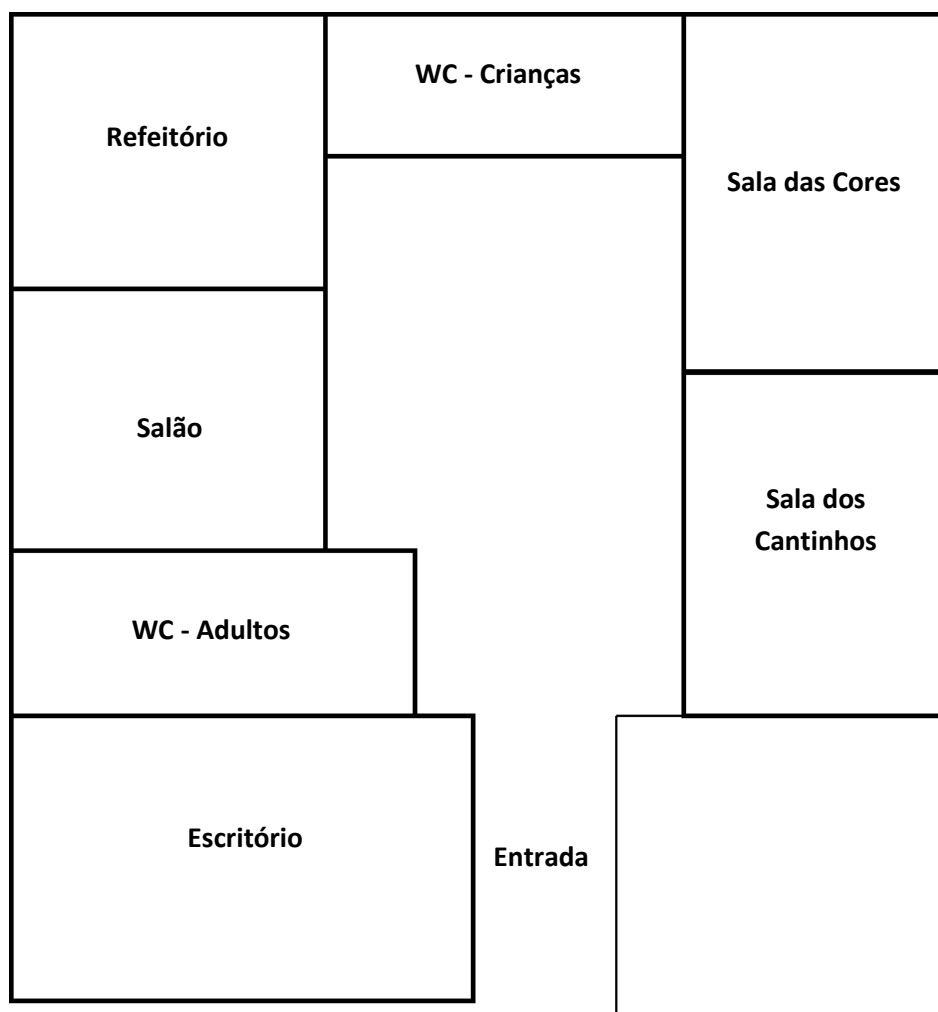
Ramos, J.S. (2010). *Rotina na Educação Infantil: Saberes Docentes*. Acedido em: 5, Setembro, 2013, em:
<http://www.cchla.ufrr.br/shXVIII/artigos/GT33/com%20Oral%20para%20os%20anais%20do%20CCHLA.pdf>

ANEXOS

Anexo I – Rotatividade de Salas

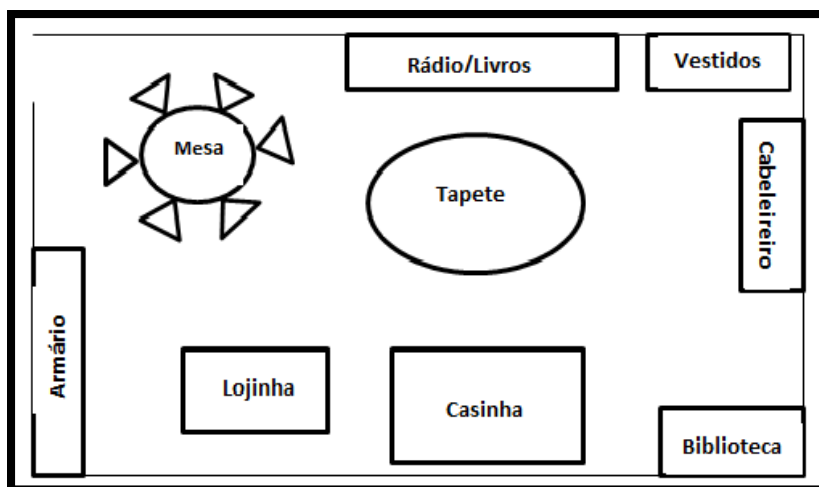
GRUPO 5 ANOS		PLANO SEMANAL DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS				DATA: 14.01 a 18.01
Esta semana... Dar continuidade ao Projeto						
HORA	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	
8.00	ACOLHIMENTO: CONVERSAS INFORMAIS, CANÇÕES, JOGOS...					
9.00	Bons dia! - canção conversação de grupo - o que vamos fazer hj. - Gratidão - Recreio e colagem jogos cores	Bons dia! - canção o que vamos fazer - construção da história do tempo - desenho - atelier - recorte e colagem salão	Bons dia! - canção conversação - o que vamos fazer hoje Beincadeira lixeiras nas áreas cantinhos	Bons dia! - canção conversação - o que vamos fazer continuar máscaras cores	Bons dia! - canção conversação de grupo - o que vamos fazer jogo das cadeiras salão	
10.30	Beincadeira lixeiras nas áreas - loja - canção - quebra - jogos cantinhos	Pintura da máquina (continuação do trabalho iniciado no salão) jogos de construção - história cores	canções acompanhadas com instrumentos jogos de construção salão	Beincadeira lixeiras nas áreas Piscina cantinhos	continuar capacetes - Rasagem de jornal - colagem - pintura cores	
12.00	ATIVIDADES DA ROTINA DIÁRIA: MOMENTOS DE HIGIENE, ALMOÇO, SONO E LANCHE					
16.00	jogos em grande grupo - quem quer ser o rei - jogo salão	Beincadeira lixeiras nas áreas cantinhos	construção de capacetes de astrolábio - rasagem - colagem cores	jogos em grande grupo - cabeça cega salão	Beincadeira lixeiras nas áreas cantinhos	
17.30	BRINCADEIRAS EM GRANDE GRUPO					
18.00	SAÍDA					
A Educadora: Filipa						

Anexo II - Planta Interior da Instituição

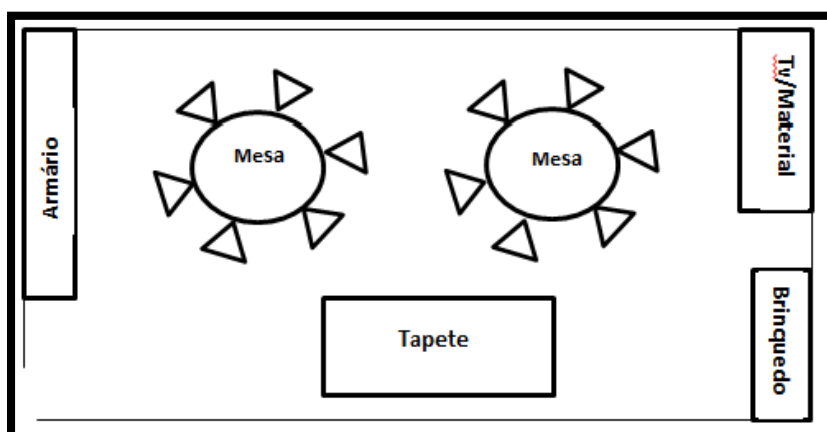


Anexo III - Planta das Salas

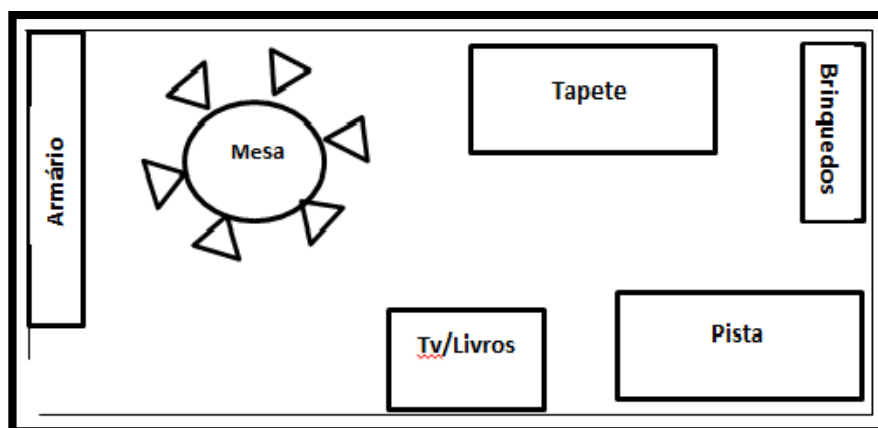
Sala dos Cantinhos



Sala das Cores



Salão



Anexo IV - Rotina Diária do Jardim-de-Infância

Horário	Actividades
8h00min. – 9h30min.	Entrada/Acolhimento
9h30min.	Actividades em sala
10h20min.	Higiene
10h30min.	Lanche/Recreio
11h00min.	Actividades em sala
11h50min.	Higiene
12h00min.	Almoço
13h30min.	Higiene
14h00min. – 15h00min.	Sesta
15h15min.	Higiene
15h30min.	Lanche/Recreio
16h00min. – 17h30min.	Actividades em sala
17h30min. – 18h00min.	Actividades em grande grupo

Anexo V – Planificações

Faixa Etária: 5 Anos					
Atividade	Estratégias	Gestão do Ambiente Educativo		Áreas de Conteúdo (Domínios)	Avaliação
<u>Canções do tempo dos nossos avós:</u> <u>"Loja do Mestre André."</u>	Canto da canção.	Espaço/Tempo/Grupo	Recursos Humanos:	<u>Formação Pessoal e social</u>	Observação directa;
	Distribuição aleatória dos instrumentos;	Sala de actividades	Educadora	Independência;	Níveis de atenção e de implicação
	Exploração dos instrumentos musicais;	35 minutos	Assistente Operacional	Educação estética.	
	Canto e acompanhamento o da canção com os instrumentos musicais seguindo diferentes ritmos (rápido e lento) e diferentes dinâmicas (alto e baixo).	20 crianças	Estagiárias	<u>Expressão Musical</u>	
			Crianças	Escutar;	
			Materiais:	Cantar;	
			Instrumentos musicais	Tocar.	
				<u>Linguagem Oral</u>	
				Exploração do carácter lúdico.	
Objetivos: Trabalhar as capacidades de escutar, tocar e cantar; Trabalhar a compreensão de ritmo e dinâmica; Trabalhar a capacidade de memorização.					

Projeto Príncipes e Princesas - 02/5/2013					
Atividade	Estratégias	Gestão do Ambiente Educativo		Áreas de Conteúdo (domínios)	Avaliação
Filme: D. Pedro - O Justiceiro	Visualização do filme	Espaço/Tempo previsto/Grupo	Recursos	Área de expressão e comunicação	Observação directa;
	Diálogo em grande grupo sobre o filme	Sala de actividades	Humanos: Educadora	Domínio da expressão plástica	Diálogo em grande grupo;
	Explicação de termos presentes na história	25 minutos	Assistente Operacional	Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita	Registo.
	Reconstrução da história	24 crianças	Estagiárias	Área de conhecimento do mundo	
	Ilustração de uma parte do filme		Crianças		
			Materiais: Computador Folhas de papel Lápis de cor		
Objetivos: Recriar momentos de uma história; Conhecer os hábitos do tempo dos Príncipes e Princesas; Trabalhar a capacidade de síntese/resumir.					

Anexo VI – Brincar no tempo dos Avós

a) Fiska



b) Jogo das Pedrinhas



c) Carrinho de Rolamentos



d) Jogo das Latas



e) Pião



Anexo VII – Guião das Entrevistas

Perguntas:
1 - Porque é que os/as meninos/as vêm à escolinha?
2 - Acham que a escolinha é importante? Porquê?
3 - O que é que os/as meninos/as fazem na escolinha?
4 - O que é que os/as meninos/as gostam mais na escolinha?
5 - E o que não gostam?
6 - Quem decide o que acontece na escolinha?
7 - Qual é a importância das educadoras e assistentes operacionais na escolinha?
8 - Qual é a importância dos colegas na escolinha?
9 - Qual é a tua importância na escolinha?

Anexo VIII – Entrevistas

Entrevista N°1

E- Estagiária

C1- Criança 1

C2- Criança 2

E- *Porque é que os meninos vêm à escolinha?*

C1- Porque os pais têm de trabalhar.

C2- Ganhar dinheiro.

C1- E nós não temos onde ficar.

C2- E para aprender a ler as coisas.

E- *Vocês aprendem isso aqui na escolinha?*

C1- Não, para brincar, para comer e para dormir.

C2- E ver o filme.

E- *E a escolinha é importante?*

C1- Sim.

C2- Sim.

E- *Porquê?*

C1- Porque nós podemos lá nos divertir, porque lá fora nós temos baloiços e escorregas e casinhas.

E- *O que é que os meninos fazem na escolinha?*

C1- Brincamos, comemos e dormimos, e lanchamos.

C2- E fazer coisas.

E- *Que coisas?*

C2- Como carros e isso.

C1- E fazer coisas e trabalhos.

E- *E o que não gostam na escolinha?*

C2- Não há nada que eu não gosto.

C1- Eu gosto muito da escolinha.

E- *Quem é que decide as coisas que acontecem na escolinha?*

C2- A educadora e a assistente operacional, e as estagiárias às vezes.

E- *A educadora e a assistente operacional são importantes?*

C1- Sim, porque elas ensinam-nos a portar bem.

E- *O que é portar bem?*

C2- É uma coisa que não sermos ralhados.

C1- A educadora ensina-nos a sentarmos na manta.

C2- E em silêncio.

E- Os outros meninos são importantes?

C1- Sim, são para brincar, ser amigos de toda a gente, toda a gente desta escola é amiga.

E- E vocês são importantes na escolinha?

C2- Não sei.

C1- Sim, porque aqui nós podemos brincar com os outros colegas e assim fazemos amigos.

E- Querem dizer mais alguma coisa sobre a escolinha?

C2- Não.

C1- Não.

E- Obrigada.

Entrevista N°2

E- Estagiária

C1- Criança 1

C2- Criança 2

E- Por que é que as meninas vêm à escola?

C1- Porque gostamos da escola.

E- Gostam?

C1- Sim.

E- Porque é que gostam?

C1- Porque está aqui a sala dos cantinhos.

E- Tens de falar mais alto se faz favor.

C1- Porque está aqui a sala dos cantinhos.

E- E?

C1- E também está..., e também podemos brincar, a brincar nos cantinhos, fazer comida para os bebés a fingir e comprar, e comprar comer pra nós fazermos a comida.

E- E mais? Porque é que tu achas a escola importante, C2?

C2- Porque aprendem-se coisas, e também nos ajudam a fazer.

E- O que é que tu aprendes cá? O que é que tu aprendes na escolinha?

C2- A portar bem.

E- E mais?

C2- A não correr na sala, a educadora não deixa correr na sala.

C1- Porque não se pode, nas salas não é para correr, é para brincar sentados. Também podemos fazer desenhos e trabalhar.

E- O que é que vocês fazem na escolinha?

C1- Brincamos.

E- E mais?

C2- Aprendemos.

E- Estavas a dizer que faziam desenhos, mais?

C1- Trabalhamos.

E- Trabalham? O que é que vocês trabalham?

C1- Com tintas fazemos coisinhas, fazemos...

C2- Prendas.

C1- Prendas para o dia da mãe, para o dia do pai e para o dia da mulher.

E- O que é que vocês mais gostam de fazer na escolinha?

C1- Eu adoro, adoro brincar na rua.

E- Na rua?

C1- Na rua, nós podemos só andar a correr na rua, porque na rua é o sitio melhor onde nós podemos andar a correr.

E- Porquê?

C2- Mas não podemos bater nos colegas.

C1- Não podemos bater em nada, porque senão aleijamo-nos.

E- O que é que não gostam?

C2- Eu gosto de fazer desenhos.

C1- Ela diz o que é que nós não gostamos.

E- Sim, o que é que não gostam?

C1- Eu não gosto...

C2- Eu não gosto de fazer dói-dóis.

C1- Quando um dia fui tomar uma vacina eu não disse au e recebi uma medalha, um diploma e uma pulseira, não aleijaram.

E- E quem é que decide as coisas que acontecem na escolinha?

C2- As professoras.

C1- As professoras.

E- Quais professoras?

C1- As nossas, as professoras que nós temos.

C2- As dos 5 anos, as dos 4 e dos 3.

C1 e C2 – dizem os nomes das educadoras, assistentes operacionais e estagiárias.

E- Acham que a educadora e a assistente operacional do grupo são importantes?

C1- Sim, porque há coisas que nós temos de aprender e assim nós aprendemos as coisas.

C2- São importantes porque nos ensinam coisas e porque a escolinha é um bom lugar para se crescer e aprender.

C1- E temos regras cá na escola para nós falarmos temos de pôr o dedo no ar, e nós temos de falar baixinho e dizer ao ouvido, e é feio dizer segredos. E arrumar a sala em silêncio, partilhar as coisas.

E- Então é por isso que elas são importantes?

C1- Sim.

E- E os outros meninos acham que são importantes?

C2- Porque brincam connosco e também aprendemos algumas coisas.

E- Aprendes algumas coisas com os outros meninos? O que por exemplo, sabes-me dizer?

C2- Não.

E- E achas que és importante cá na escolinha?

C2- Não sei.

E- E tu?

C1- Sei.

E- Achas que és importante cá na escolinha?

C1- Sim.

E- Porquê?

C1- Porque gosto de brincar.

E- Porque tu gostas de brincar? E é por isso que és importante na escolinha?

C1- E também gosto de fazer puzzles, e também gosto de fazer puzzles da hanna montana que eu tenho lá em casa, que eu comprei.

E- Mas na escolinha achas que és importante?

C1- Também sou importante em casa.

E- És importante em casa e na escolinha és importante?

C1- Sou.

E- Porquê? Sabes-me explicar?

C1- Porque gosto de brincar com as professoras.

E- Porquê com as professoras?

C1- Porque se nós portarmos bem elas ficam felizes.

E- Não querem dizer mais nada sobre a escolinha?

C1- Adoro brincar nos cantinhos.

E- Porquê nos cantinhos?

C1- Porque estão lá coisas que eu gosto.

E- Que coisas é que tu gostas?

C1- Gosto de brincar com as professoras, também brincar com os meus colegas e ser amiga de todos.

E- Não queres conversar mais?

C1- A conversa ainda não acabou.

C2- Já fizemos todas as perguntas por acaso?

E- Já, já fizemos todas as perguntas.

C2- Então a conversa já acabou, não já?

E- Pois se tu não queres falar mais da escolinha, já acabou.

C1- Eu já falei quase tudo.

E- Então, obrigada.

Entrevista N°3

E- Estagiária

C1- Criança 1

C2- Criança 2

E- Porque é que os meninos vêm à escolinha?

C1- Porque temos de aprender, também temos de brincar.

C2- Temos de vir para a escola para aprender muito, porque quando formos para a escola primária nós vamos ter de aprender muitas coisas, e a escola é para ajudar e para aprender.

C1- Também gostamos de ir à escolinha porque gostamos de brincar com os amigos, gostamos de aprender, gostamos de brincar, gostamos de brincar em jogos.

E- É importante vir à escolinha?

C1- Sim, porque temos de aprender porque quando formos para a escola primária não sabemos nada.

C2- Os pais também deixam vir para a escola para aprendermos muitos.

C1- Olha já tive uma ideia, temos que ir para a escola porque os pais tem que ganhar dinheiro no trabalho, não podem ficar connosco.

E- E assim vocês vêm para a escolinha.

C1- E os pais podem trabalhar à vontade.

E- E o que é que os meninos fazem na escolinha?

C1- Brincam aprendem.

C2- Aprendem a ler.

C1- E a escrever bem.

E- Vocês aprendem a ler e a escrever aqui?

C1- Não.

E- Aqui nesta escolinha o que é que vocês fazem?

C2- Brincamos, fazemos desenhos, divertimo-nos imenso.

C1- Vamos à rua.

E- O que é que gostam mais de fazer?

C2- Brincar nas casinhas.

C1- Brincar nas casinhas, na rua, com os colegas, nos escorregas, nos baloiços.

E- E o que é que não gostam?

C1- Não gostamos de nos magoar, de cair, de ter feridas na cabeça, no pescoço, nos pés.

C2- não gostam de mosquitos.

E- Quem é que decide o que acontece na escolinha?

C2- As professoras, e zangam-se às vezes.

E- Porquê?

C1- Porque nós portamos mal.

C2- E não obedecemos.

E- O que é portar mal?

C2- É não obedecer.

C1- É quando as professoras falam e não ligamos.

E- Acham que a educadora e a assistente operacional são importantes?

C2- Sim para verem se nós fazemos disparates, para estarem com atenção.

C1- Sim, connosco.

E- E os coleguinhas são importantes?

C2- Sim, porque senão não íamos ter amigos.

C1- Se não tivéssemos amigos não conseguíamos brincar, tínhamos de brincar sozinhos.

E- E tu és importante na escolinha?

C1- Não sei.

C2- Eu acho que sim, senão a minha amiga não ia gostar, porque ela é minha amiga.

C1- Se não fosse importante não brincava com os meus amigos.

E - Têm mais alguma coisa a dizer sobre a escolinha?

C1- Eu tenho, também gosto de brincar nos escorregas, nos baloiços, no ferro, às escondidas, e gosto de brincar com os meus amigos.

E- *Porque que gostas de brincar com os teus amigos?*

C1- Porque eles fazem-me as vontades todas.

E- *Podemos terminar a nossa conversa ou querem falar mais sobre a escolinha?*

C1- Também gosto das professoras, deixam ir à rua, deixam brincar.

C2- Somos todos amigos.

C1- Podemos terminar.

E- *Obrigada.*

Entrevista N°4

E- Estagiária

C1- Criança 1

C2- Criança 2

E- *Acham que a escolinha é importante?*

C1- Sim.

C2- Sim.

E- *Porquê?*

C1- Porque aprendemos.

E- *O quê?*

C2- Temos de aprender para sabermos o que temos de fazer quando formos mais velhos.

E- *Porque é que os meninos vêm à escolinha?*

C1- Porque temos de aprender.

C2- Todos os meninos vêm por essa razão.

E- *O que é que os meninos fazem na escolinha?*

C1- Brincamos e fazemos desenhos.

C2- Aprendemos a pintar, como as profissões e as pessoas mais velhas.

C1- Nos trabalhos que fazemos aprendemos algumas coisas.

C2- Aprendemos a fazer coisas.

E- *Que coisas?*

C2- A fazer desenhos.

E- *O que é que os meninos mais gostam na escolinha?*

C1- Eu gosto mais de aprender.

C2- Também eu.

E- *O que é que vocês gostam mais de aprender?*

C2- O que nós temos de aprender, nós gostamos de aprender.

C1- Eu gosto mais de brincar.

C2- Também eu, gostamos de brincar com tintas.

E- E o que é que os meninos não gostam?

C1- Eu gosto de tudo, não me lembro de nada que não gosto.

E- E as coisas que acontecem na escolinha, quem decide?

C1- As professoras.

E- E a educadora e a assistente operacional são importantes na escolinha?

C1- Sim, porque nos ajudam a aprender.

C2- E sem elas não sabíamos nada.

E- Elas ajudam a aprender o quê?

C1- Ajudam a aprender a fazer desenhos.

C2- E também a fazer os nossos nomes.

C1- Ajudavam a aprender, agora já não.

C2- Sem elas não sabíamos nada.

C1- ajudavam a pintar com as tintas.

E- E vocês são importantes cá na escolinha?

C1- Sim

E- Porquê?

C2- Porque nós andamos nas escolas para aprender, se não houvesse escolas, nós não sabíamos nada.

C1- Se houvesse escolas e não houvesse professoras, também não sabíamos nada, porque ninguém estava aqui para nos ensinar.

E- E os outros meninos são importantes na escolinha?

C2- Claro, todos os amigos sabem.

E- Como é que todos os amigos sabem que são importantes?

C2- Porque os amigos não há coisa mais importante

E- Não há coisa mais importante que os amigos?

C2- Porque a amizade é mais que uma coisa.

E- A amizade é mais do que uma coisa?

C2- Sim é mais forte.

E- E tu achas que os meninos são importantes na escolinha?

C1- Sim.

E- Porquê?

C1- Porque gostam todos uns dos outros, por isso os meninos acham que são todos importantes.

C2- E são mesmo.

E- Porque é que vocês vêm à escolinha?

C1- Porque temos de aprender, e porque as mães vão trabalhar e porque elas nos mandam vir.

C2- E se nós não soubéssemos nada estávamos sempre a fazer as coisas erradas.

E- *Querem dizer mais alguma coisas sobre a escolinha?*

C1- Eu já disse tudo.

C2- Eu também já.

E- *Obrigada.*

Entrevista N°5

E- Estagiária

C1- Criança 1

C2- Criança 2

E- *Porque é que acham que os meninos vêm à escolinha?*

C1- Para aprenderem coisas.

E- *E acham importante?*

C1- Por mim acho.

C2- Para podermos brincar.

C1- E também poder aprender coisas que ainda não sabemos.

E- *O que é que costumam fazer quando vem à escolinha?*

C1- A mesma coisa.

E- *O quê?*

C1- Há diferença, fazemos as mesmas mas algumas coisas diferentes.

E- *O quê?*

C1- Sei lá eu.

E- *O que é que fazem igual todos os dias cá na escolinha?*

C1- A canção dos bons dias.

E- *E o que é que vocês não gostam cá na escolinha?*

C1- Eu gosto de tudo.

C2- Gosto de tudo.

E- *Quem é que acham que decide o que acontece na escolinha?*

C1- Para mim são todas as pessoas menos as crianças.

E- *Então é quem?*

C1- As professoras.

E- *Acham que o que as professoras decidem são importantes?*

C2- Não sei.

E- *E os meninos são importantes na escolinha?*

C1- Para as professoras são.

E- *E para vocês?*

C1- Para nós também.

E- Porquê?

C1- Sei lá eu.

E- Achas que és importante na escolinha?

C1- Sei lá eu.

E- Não és importante cá na escolinha?

C1- Para mim sou.

E- Porquê que os meninos vêm à escolinha?

C1- Para mim tem de ser mesmo a mesma coisa, para aprendermos coisas.

E- E tu porque vens à escolinha? Só para aprender?

C2- Sim.

E- Os outros meninos também vêm para aprender?

C1- Uma escola é uma escola.

E- Por que é que os meninos têm de vir à escolinha?

C2- Para as mães poderem ir trabalhar.

C1- Para as pessoas poderem estar descansadas.

E- Quais pessoas?

C1- Os pais, claro.

E- Então os meninos vêm à escolinha para os pais e as mães descansarem?

C1- Sim.

E- E o que é que vocês mais gostam de fazer é brincar?

C1- Eu também gosto de fazer desenhos.

E- O que é que mais gostas de desenhar?

C1- Casas, árvores, pássaros e bonecos.

E- É fácil de fazer bonecos?

C1- Para mim é.

E- E tu o que é que mais gostas de fazer?

C2- De brincar.

E- Onde é que gostas mais de brincar?

C2- Na rua, nos baloiços.

C1- Eu gosto de brincar nas casinhas.

E- Porquê?

C1- Porque às vezes a minha mãe nas casinhas deixa-me subir aqueles castelos grandes.

E- Mas isso é com a mãe?

C1- Sim.

E- E quando estás com a educadora e com a assistente operacional?

C1- Não sei.

C2- Eu vou lá para fora e brinco nos escorregas.

E- Querem dizer mais alguma coisa sobre a escolinha?

C1- Eu não.

C2- Não.

E- Obrigada.

Entrevista N°6

E- Estagiária

C1- Criança 1

C2- Criança 2

E- Porque é que os meninos vêm à escolinha?

C1- Para trabalhar.

C2- Para fazer trabalhos.

E- Porque é que vocês vêm todos os dias à escolinha?

C2- Para aprendermos.

E- Que coisas é que vocês aprendem na escolinha?

C1- Trabalhos, desenhos.

E- E acham que é importante virem à escolinha?

C2- Sim, para fazermos trabalhos.

E- E porque é que tem de fazer trabalhos?

C1- Para pendurar na parede.

C2- Para fazermos trabalhos giros.

E- E existem outras razões para virem à escolinha?

C2- Sim porque os pais estão a trabalhar.

C1- E porque este também é o nosso trabalho.

E- E o que é que os meninos fazem na escolinha?

C1- Fazemos desenhos, brincamos.

C2- Vamos aos baloiços, vamos às casinhas.

C1- jogamos jogos.

C2- Vamos ao coreto, às vezes.

E- E o que é que vocês mais gostam na escolinha?

C1- Gostamos de tudo.

E- O que é que vocês gostam mesmo muito?

C1- Fazer desenhos.

C2- Eu gosto de brincar nos baloiços.

E- As coisas que acontecem na escolinha, quem decide?

C2- Disse o nome da educadora, da assistente operacional e das estagiárias.

E- E acham que a educadora e a assistente operacional são importantes?

C1- Para fazermos trabalhinhas, para nos ajudarem a fazer coisas.
E- E os vossos colegas, acham que são importantes?
 C2- Sim, para brincarmos.
E- E vocês são importantes?
 C2- Para fazermos trabalhos e também para aprendermos a fazer coisas.
 C1- E para aprendermos a portar bem.
E- Querem dizer mais alguma coisas sobre a escolinha?
 C1- Não.
 C2- Não.
E- Obrigada por terem falado connosco.

Entrevista N°7

E- Estagiária
C1- Criança 1
C2- Criança 2

E – O que nós queremos saber é o que vocês acham sobre a escolinha? Acham que é importante vir à escolinha?
 C2– Sim.
 C1 – Sim.
E – Sim? Porquê?
 C1 - Porque aprendemos coisas.
 C2 – E também ensinam.
E – Ensinam o quê?
 C1 – Ah...
E – O que é que aprendem aqui na escola?
 C1 – Aprendemos a fazer desenhos, aprendemos a pintar dentro do risco, aprendemos a brincar sossegadinhos, aprendemos a brincar caladinhos.
E – E acham que isso é importante?
 C1 – Sim.
 C2 – Sim.
E – Porquê? Porque é que são importantes essas coisas que aprendem aqui na escolinha?
 C1 – Porque... A mim não me sobe nada à cabeça.
E – Então e porque é que achas que tens de vir à escolinha?
 C2 – Porque é muito importante.
 C1– E porque...
E – Sim?

C1 – E porque é para nós aprendermos as coisas.

E – *Para vocês aprenderem as coisas. Então vêm à escolinha para aprenderem as coisas, certo?*

C2 - Sim.

C1 – Sim.

E– *E mais?*

C1 – Ai, isto é complicado.

C2 – Pois.

E– *É complicado?*

C2 – É.

E – *Vocês já disseram algumas coisas que faziam na escolinha. Pintar dentro do risco, brincar e o que é que gostam mais de fazer cá na escolinha?*

C2 – Eu gosto de fazer desenhos.

C1 – Eu gosto só de jogar à bola.

E – *E o que é que não gostam?*

C1 – Eu não gosto de...

E – *O que é que não gostas?*

C2 – Eu não gosto de nada.

E – *Gostam de tudo? Na escolinha?*

C2– Sim.

C1 – Gosto.

E – *Pensem lá bem. Algumas coisas que vocês fazem que não gostam.*

C2 – Eu não gosto de ler livros.

E – *Não gostas de ler?*

C2 – Não.

E – *Ou de ouvir as histórias?*

C2 – Pois.

C1 – Eu não gosto de ouvir histórias, também.

E – *Porquê?*

C1 - Porque é seca.

E – *E quem é que decide as coisas que acontecem na escolinha?*

C1 – Disse o nome da educadora e da assistente operacional.

C2– Pois.

E – *É? Elas é que decidem tudo?*

C1 – Quase tudo. Para o grupo dos 5 anos.

E – *É? E vocês? Não decidem nada?*

C1 – Às vezes dão-nos hipóteses para as professoras pensarem se deixam.

C2– Pois.

C1 – Como jogar à bola. Hoje está um belo dia para jogar à bola também.

E – *Dão sugestões, não é? E acham que a educadora e a assistente operacional são importantes na escolinha?*

C1 – Sim.

C2 – Sim.

E – *Porquê? Porque é que elas são importantes na escolinha?*

C1 – Porque ajudam-nos a aprender coisas, explicam-nos as coisas, tentam ensinar-nos a escrever.

E – *E acham que os outros meninos são importantes na escolinha?*

C2 – Sim.

C1 – Sim.

E – *Podem responder à vontade. Não há respostas certas nem respostas erradas.*

C2 – Ah.

C1 – Ah.

E – *Porque é que acham que os outros meninos são importantes?*

C1 – Porque são nossos amigos e brincam connosco.

E- *Então e vocês? Acham que são importantes na escolinha? Tu achas que és importante na escolinha? Pensa lá bem?*

C2 – Sim.

E – *Porquê?*

C2 – Porque gosto de muito da escola.

C1 – Eu acho que também sou.

E – *Porquê?*

C1 – Isso eu não sei responder.

C2 – Eu também não.

E – *Não sabem responder?*

C2 – Não.

E – *Querem dizer mais alguma coisa sobre a escolinha? Os meninos vêm à escolinha porquê?*

C1 – Para aprendermos..

E– *Tu vens à escolinha para aprender, só?*

C2 – Para aprender...

C1 – E para brincar. Com os nossos amigos.

E – *E mais? Se não viesses para a escolinha?*

C1 – Não aprendia e não brincava com os amigos.

E – *E aonde é que ficavas se não viesses para a escolinha?*

C1 – Em casa.

E – *Com quem? Sozinho?*

C1 – Não. Com a mãe e com o pai. Por acaso o meu pai já não está em casa.
 C2 – Pois.
 C1 – As coisas vão ter que mudar.
E – O quê?
 C1 – Foi para São Tomé e Príncipe.
E – Uau. Foi conhecer uma terra nova.
 C1 – Não, foi arranjar lá uma máquina.
E – Muito bem.
 C1 - E as praias de lá, nem imaginam o que é que é.
E – São boas. Então quer dizer que não querem dizer mais nada sobre a escolinha?
 C1 – Sim. Não queremos dizer mais nada.
E – Não? Obrigada por terem indo falar connosco.

Entrevista N°8

E- Estagiária

C1- Criança 1

C2- Criança 2

E – Porque é que os meninos vêm à escolinha? Porque é que vens à escolinha?

C1 - Para aprender.

E – E tu? Porque é que os meninos têm de vir à escolinha?

C2 - Para brincar e para aprender.

E – E mais? Porque é que os meninos dos 5 anos vêm todos à escolinha?

C1 - Às vezes nem todos.

E – Sim. Mas porque é que os meninos vêm à escolinha? Porque é que tu vens à escolinha? Para aprender, sim e mais?

C1 – Também para brincar com os amigos.

C2 – Também para brincar.

E – Só por isso? Só vêm para brincar e para aprender?

C1 – Sim.

E – E acham que vir à escolinha é importante?

C1 – É.

C2 – É.

C1 – Por causa de aprender.

E – E o que é que os meninos fazem na escolinha normalmente?

C1 – Primeiro brincamos, depois vamos falar sobre algumas coisas e depois vamos comer a fruta, vamos brincar mais um bocadinho e vamos comer e vamos dormir.

E – E quais é que são os trabalhos que costumam fazer?

C1 – Fazer desenhos para os amigos. E eu já não tenho nem um para fazer.

E – E mais? Só fazem isso?

C1 – Não.

E – Vocês fazem mais coisas.

C1 – E também fizemos a prenda para os pais

E – Sim. E mais? O que é que fazes na escolinha?

C2 – Brincamos com os amiguinhos.

E – O que é que vocês gostam mais de fazer cá na escolinha?

C1 – Eu gosto mais cá de fazer é ir aos baloiços.

E – E tu? O que é que gostas mais de fazer?

C2 – Também gosto de andar nos baloiços.

E – E o que é que não gostam?

C1 – Eu não gosto de dormir assim muito tempo quando dormimos.

E – Não gostas de dormir?

C1 – Assim muito tempo.

E – E porquê? Porque é que não gostas de dormir?

C1 – Não gosto de dormir porque demora muito tempo para acordar. Porque a educadora está lá mais tempo e a assistente operacional está lá muito tempo.

E – E tu? O que é que tu não gostas de fazer na escolinha? Gostas de fazer tudo? Ou há alguma coisa que tu não gostes? Gostas de tudo? Não há nada que tu não gostes? Tu gostas quando a educadora se zanga com os meninos?

C1 – Eu não.

C2 – Eu também não.

E – Ah. E então há alguma coisa que tu não gostas. E mais?

Lembraste de alguma coisa que não gostes mais?

C1 – Eu também não gosto quando estive, como naquele dia que estivemos logo à primeira que fomos à rua viemos logo à primeira para dentro. Quando à primeira que fomos para a rua. À primeira que fomos lá para fora viemos logo para dentro.

E – Porquê? Estava frio ou portaram-se mal?

C1 – Não, a educadora é que disse que era só um bocadinho.

C1 – Eu e os meus amigos estávamos a brincar às apanhadas e assim nem tiveram tempo de me apanhar.

E – Por isso gostas quando têm muito tempo para estar lá fora para brincar.

C1 – Sim.

E – Então e quem decide as coisas que acontecem.

C1 – Que acontecem?

E – As coisas que acontecem quem é que decide?

C1 – Disse o nome da educadora e da assistente operacional.

E – Só a educadora e a assistente operacional? Então e acham que a educadora e a assistente operacional são importantes?

C1 – Sim.

E – Sim?

C1 – Porque ralham connosco para nós sabermos que não devemos fazer uma coisa.

E – E tu achas que são importantes? Aqui não há respostas certas nem erradas. Podes dizer aquilo que pensas. A educadora e a assistente operacional são importantes?

C2 – Sim.

E – Porquê? O que é que elas fazem para serem importantes? Se tu tivesses que explicar a uma pessoa que a educadora e a assistente operacional eram muito importantes na escolinha, como é que explicavas? Imagina que eu não conhecia nem a educadora nem a assistente operacional, como é que tu me explicavas que elas eram importantes na escolinha?

C1 – Porque ralham para nós sabermos que não devemos fazer uma coisa.

E – Sim. Só isso? Só ralham?

C1 – Não.

E- Então, o que é que fazem mais?

C1 – Também quando nós nos portamos bem deixam-nos ir à rua. E também nos deixam jogar o Jogo da Alice.

E – E tu achas que és importante na escolinha?

C1 – Mais ou menos.

E – Porquê?

C1 – Porque às vezes porto-me mal.

E – Às vezes portas-te mal? E as pessoas que se portam mal não são importantes?

C1 – Ah?

E – As pessoas que se portam mal não são importantes?

C1 – Acho que sim.

E – E tu? És importante para a escolinha?

C2 – Acho que sim.

E – *Sim? Porquê?*

C1 – Porque às vezes porto-me bem.

E – *Sim. E mais?*

C1 – E por mais nada.

E – *Então e os outros meninos são importantes?*

C1 – São.

E – *Porquê?*

C1 – Porque às vezes também se portam bem.

E – *Só?*

C1 – Só.

E – *E tu? Porque é que os outros meninos são importantes? Achas que são importantes? Se não houvesse meninos cá na escolinha como é que era? O que é que acontecia se não houvesse cá meninos? Tinham com quem brincar?*

C2 – Não.

E – *E querem dizer mais alguma coisa sobre a escolinha?*

C1 – Não.

E – *Não? Não queres dizer mais nada?*

C1 – Não.

E – *Então pronto. Obrigada.*

Entrevista N°9

E- Estagiária

C1- Criança 1

C2- Criança 2

E – *Nós queríamos saber porque é que os meninos têm de vir à escolinha?*

C1 – Porque nós gostamos tanto da escola.

E – *É? Os meninos vêm à escolinha porque gostam muito da escola?*

C1 – Porque a minha mãe me traz sempre, porque é muito fixe a escola.

E – *E tu? Podes ir falando.*

C2 – Nós vimos à escola porque não podemos ficar em casa.

E – *Porque é que não podem ficar em casa?*

C2 – Para virmos para a escolinha.

E – *E gostam de ir à escola?*

C2 – Gosto.

E- *Porquê? O que é que fazem aqui?*

C2 – Brincamos e trabalhamos.

E – *E acham que isso é importante? Vir à escolinha é importante?*

C2 – Sim.

E – *Porquê?*

C1 – Porque arranjamos amigos novos para a escola.

E – *É? E mais?*

C1 – E brincamos com os jogos e brincamos nos carroceis.

E – *E o que é que os meninos fazem na escolinha?*

C1 – Brincamos e jogamos à apanhada.

C2 – E jogamos ao Jogo da Alice.

E – *É? E o que é que vocês mais gostam de fazer?*

C2 – Eu gosto mais de jogar ao Jogo da Alice.

C1 – E eu gosto mais de jogar o Jogo da Alice também.

E – *E o que é que vocês não gostam?*

C1 – Da escola.

E – *Não gostas da escola?*

C1 – Gosto da escola.

E – *E o que é que não gostas?*

C1 – A escola é onde os meninos podem brincar.

E – *Sim. Mas o que é que não gostas?*

C1 – O que não gosta é que não gosta de ir à escola.

E – *Tu não gostas de vir á escola?*

C1 – Gosto.

E – *Então o que é que não gostas da escolinha?*

C1 – Gosto da escola.

E – *Gostas de tudo? Não há nada que tu não gastes?*

C1 – Não. Mas não gosto do cinema.

E – *Ah, não gostas do cinema. E tu? O que é que tu não gostas na escolinha?*

C2 – Hm...Gosto de tudo também.

E – *Sim? Não há nada que vocês não gostem? Pensem lá bem?*

C1 – A escolinha é onde podemos brincar e comer e jantar.

E – *Jantar?*

C2 – Jantar?

C1 – E dormir.

E – *Vocês jantam aqui na escolinha?*

C2 – Não.

E – *Então?*

C2 – Almoçamos.

E – *Quem é que decide o que acontece na escola?*

C2 – Disse o nome da educadora e da assistente operacional.

E – É?

C2 – Se calhar. Sim.

E – *As coisas que acontecem é a educadora e a assistente operacional que decidem sempre?*

C1 – Olha e depois quando o incêndio nós vamos cá para fora e quando o incêndio estava aqui na escola nós vamos sair lá para fora e fazemos uma fila e depois amos para dentro brincar.

E – *Isso foi o que tu aprendeste na escolinha?*

C1 – Sim.

E – *E gostaste?*

C1 – Sim. Depois quando tocou o alarme.

C2 – Eu também gostei do alarme. Mas isso já foi passado há poucos tempos também.

C1 – Sim. Foi assim há muitos, muitos anos.

E – *E quem é que decide o que acontece na escolinha?*

C2 – Disse o nome da educadora e da assistente operacional.

C1 – Disse que a educadora e a assistente operacional mandam.

E – *Mandam?*

C1 – Na escola. E nos meninos.

E – *Como é que elas mandam?*

C1 – Porque os meninos têm a fazer asneiras e elas têm de ralhar.

E – *Pois.*

C2 – E têm de portar bem.

E – *Vocês têm de se portar bem para elas não ralhareem com vocês não é?*

C1 – Sim.

E – *Não gostam quando elas ralham com vocês pois não?*

C1 – Não.

E – *Acham que a educadora e a assistente operacional são importantes na escolinha?*

C1 – Sim, eu sei.

C2 – Sim.

C1 – A educadora e a assistente operacional são boas na escola porque elas é que mandam porque os meninos também...

C1 – Os meninos não podem mandar. Só as professoras e as mães e os pais.

C2 – Pois. Só as professoras e as mães.

E – *Porquê? Porque é que os meninos não podem mandar?*

C2 – Porque não podem fazer o que querem.

E – Porquê? Porque é que os meninos não podem fazer o que querem?

C1 – Porque os professores não deixam e as professoras.

E – É?

C2 – Nem a educadora nem a assistente operacional.

E – Então e vocês nunca fazem aquilo que querem? Ou fazem às vezes?

C1 – Às vezes sim mas há outras vezes não.

E – Pois. Porquê?

C1 – Porque é aquelas coisas que não dêem fazer.

E – Então e acham que a educadora e a assistente operacional são importantes na escolinha?

C2 – Sim.

C1 – Sim.

E – E os outros meninos? Acham que são importantes na escolinha?

C1 – Sim, eles gostam muito da escolinha.

C2 – Sim.

E – Achas que os outros meninos são importantes?

C2 – Acho que sim.

E – Porquê?

C2 – Porque fazemos coisas.

C1 – Porque fazemos coisas novas.

C1 – Para os carros e brincamos com os carros quando estão novos e depois é que...

C2 – E brincamos com as bonecas e com os meninos.

C1 – Sim.

E – Então os outros meninos são importantes para brincarmos com eles. Certo?

C1 – E jogamos o Jogo da Macaca, é claro. Lá fora.

E – E tu achas que és importante cá na escolinha?

C1 – E o Jogo das Pedrinhas.

C2 – Eu também acho que sim.

E – Achas que também és importante na escolinha? Porquê?

C2 – Porque eu gosto da escolinha.

E – Gostas?

C2 – Sim.

E – E é por isso que achas que és importante?

C1 – Sim, porque alguém é inteligente. Porque a escola tem um sítio para brincar e comer.

C2 – Tem muitos sítios para brincar, nas casinhas, nos baloiços.

C1 – E comer o pequeno-almoço e comer o pão e fazer Ó-Ó.

E – E tu? Achas que és importante na escolinha?

C1 – Sim. Às vezes sim e às vezes não.

E – Às vezes sim? Explica-me lá isso?

C1 – Porque a escola é um sítio para brincar e para comer e dormir.

E – Sim- E tu disseste que eras importante, às vezes e outras vezes não. Quando é que tu és importante e quando é que tu não és importante?

C1 – Sou importante, às vezes não porque a escolinha é um sítio para dormir e para comer e para brincar.

C2 – E para brincar também.

E – Olha e quando é que és importante na escolinha?

C1 – Porque a escolinha é simpática.

E – E quando é que não és importante na escolinha?

C1 – Porque a escolinha quando há um incêndio nós vamos lá para fora.

C2 – Se há um incêndio na sala temos de sair pela janela.

C2 – Eu não consigo sair pela janela.

E – Olha, quando é que tu não és importante na escolinha?

C1 – Porque estou sempre a brincar com os amigos.

E – Isso é quando tu és importante?

C1 – Sim.

E – E quando não és?

C2 – Porque não estás a brincar com os amigos.

E – Quando é que tu não és importante na escolinha?

C1 – Porque é importante só na escolinha e é por isso que a escolinha é simpática.

E – Querem dizer mais alguma coisa sobre a escolinha?

C1 – Não. Agora vamos brincar.

E – Então vá, obrigada por esta conversa.

Entrevista N°10

E- Estagiária

C1- Criança 1

C2- Criança 2

E – Porque é que os meninos têm de vir á escolinha? Porque é que vêm á escolinha?

C1 – Porque eles têm de vir.

E – Eles têm de vir porquê? Tu vens à escolinha porquê?

C1 – Porque eu mudei de escola para esta.

E – E porque é que mudaste de escola?

C1 – Eu estava noutra escola, só que depois a minha mãe mudou-me para esta escolinha.

E – E porque é que tu vens todos os dias à escolinha?

C1 – É porque eu, às vezes, não posso ir à escola da minha mamã. Mas quando ela não tem reunião é que eu não vou à escola.

E – E tu?

C1 – Só que eu ainda não acabei de falar.

E – Ai continua, desculpa.

C1 – Quando a minha mãe me deixa ir para a escola dela porque ela não tem reunião e quando eu não tenho de ir para a escolinha ela leva-me para a escola dela.

E – Então ela leva-te quando pode, quando não pode vem-te pôr na escolinha. Certo? É isso? E tu? Porque é que achas que tens de vir à escolinha?

C2 – Porque eu não estou doente.

E – Ah! Então só ficas em casa quando estás doente.

E- E vens todos os dias à escolinha porquê?

C2 – Porque ...

E – Porque é que os meninos têm de vir à escolinha? Porque é que eles vêm à escolinha?

C1 – Porque é dia de escola.

E – Sim, porque é dia de escola. E mais?

C1 – Eu posso ir para a sala? Eu já disse tudo.

E – Vamos falar mais um bocadinho. É rápido. Tu achas que é importante ir à escolinha? Porquê?

C1 – Porque os nossos pais têm de ir trabalhar.

E – Sim. Então, tu vens à escolinha porque os pais têm de ir trabalhar.

E - E achas que é importante ir à escolinha?

C1 – Às vezes, há dois dias de escola e então a minha mãe não tinha reunião e por isso ela levou-me para a escolinha.

E – E tu? Achas que é importante vir à escolinha?

C2 – É.

E – Porquê?

C2 – Porque nós temos de aprender muitas coisas. E depois quando formos para a escola primária amos aprender a escrever e aprender as letras.

E – Sim. Mas aqui nesta escolinha. Achas que é importante?

C2 – É.

E – Porquê? Porque é que é importante esta escolinha?

C1 – Porque nós temos de fazer desenhos para os amigos.

C2 – E porque nós temos de fazer sempre trabalhos aqui na escola.

E – Que trabalhos são? Sabes explicar?

C1 – É para o Dia do Pai e para o Dia da Mãe.

C2 – E para o Dia da Criança não somos nós, é os pais.

E – E vocês gostam de fazer esses trabalhos?

C1 – Sim.

C2 – Sim.

E – E o que é que vocês fazem mais na escolinha?

C1 – Fazemos desenhos.

C2 – E pintamos.

E – E mais? O que é que vocês fazem aqui na escolinha?

C1 – Brincamos.

C2 – Almoçamos.

C1- E às vezes eu e a (refere o nome de uma colega) ficamos de castigo.

E – Ficam? Porquê?

C2 – Porque nós portamos mal.

E – E que castigo é esse?

C1 – É porque nós portamos mal.

E – É? E como é que vocês ficam de castigo?

C1 – É quando a educadora nos diz para irmos sentar e para nós não irmos brincar.

E – Para vocês se sentarem e não irem brincar não é? E o que é que vocês mais gostam de fazer na escolinha?

C1 – Eu gosto de brincar.

E – Gostas? E tu? O que é que mais gostas de fazer na escolinha?

C2 – Gosto de brincar aos jogos e ler um livro.

E – E o que é que não gostam?

C1 – Eu não gosto de ficar de castigo.

E – Não gostas de ficar de castigo. E tu? O que é que tu não gostas na escolinha?

C2 – Não gosto também de ficar de castigo.

E – E mais?

C1 – E eu não gosto de pintar desenhos.

E – Não gostas? Porquê?

C1 – Porque eu depois tenho de fazer grande o desenho.

E – Tens de fazer desenhos grandes? Só gostas de fazer desenhos pequenos é isso? E os outros meninos? O que é que vocês acham que os outros meninos gostam na escolinha?

C1 – Brincar e de pintar.

E – E as coisas que acontecem na escolinha quem é que decide? Quem é que decide as coisas que acontecem na escolinha?

C1 – Ficar de castigo.

E – Quem são as pessoas que decidem aquilo que se passa aqui na escolinha? As coisas que acontecem na escolinha quem é que decide?

C1 – As professoras.

E – As professoras? Todas? Ou só algumas?

C1 – Todas

E – Sim? Quem é que são as professoras?

C1 – São todas.

E – Quem é que achas que decide as coisas que acontecem na escolinha? Quem é que diz aquilo que os meninos têm de fazer aqui na escolinha?

C2 – São as professoras.

E – Só as professoras ou mais alguém?

C2 – Mais ninguém.

E – Mais ninguém? Mais ninguém decide nada? Acham que a educadora e a assistente operacional são importantes na escolinha?

C1 – Sim.

C2 – Sim.

E – Porquê?

C1 – Porque elas mandam nos meninos.

E – Elas mandam nos meninos? O que é que elas mandam?

C1 – Para eles ficarem calados

E – E mais? Elas são importantes porque mandam os meninos ficarem calados? Achas que a educadora e a assistente operacional são importantes?

C2 – Sim porque estão sempre a pôr filmes a nós e a ler histórias.

E – Então fazem as vossas vontades?

C2 – Sim.

C1 – E quando nós dizemos para ir fazer cócó ou xixi... só que às vezes nós não podemos ir fazer porque nós estamos sentados... e quando nós não estamos sentados é que podemos ir fazer xixi e cocó.

E – Só podem ir quando estão sentados?

C1 – Não. A brincar.

E – Quando estão a brincar vocês pedem e elas deixam ir.

C1 – É.

E – Então elas são importantes porque deixam os meninos irem quando precisam. E os outros meninos? Acham que eles são importantes para a escolinha?

C1 – Sim.

E – São? Porquê?

C1 – Porque os meninos são nossos amigos.

E – Porque eles são amigos. Achas que os meninos são importantes na escolinha porquê?

C2 – Porque gostam de brincar.

E – Então e tu? Achas que és importante para a escolinha? Achas?

C1 – Sim.

E – Porquê?

C1 – Porque eu gosto de brincar.

E – Então tu és importante na escolinha porque gostas de brincar?

C1 – Já posso ir para a sala?

C2 – Porque gosto de ler livros.

E – Gostas de ler livros?

C2 – Sim.

E – Então és importante porque gostas de ler livros cá na escolinha. É isso?

C2 – É.

E – E mais? Querem dizer mais alguma coisa sobre a escolinha?

C1 – Não, eu não?

E – Não?

C2 – Eu também não.

E – Então obrigada.

C2 – De nada.

Entrevista Nº11

E- Estagiária

C1- Criança 1

C2- Criança 2

C3 – Criança 3

E – O que nós queremos saber é porque é que os meninos vêm à escolinha? O que é que vocês acham?

C1 – Para aprender.

C2 – Para aprender.

C3 – Para aprender.

E – E mais? Só para aprender?

C1 – Não.

C2 – Não. Também para brincar.

C3 – Também para brincar.

C1 – Para andar nos baloiços e brincar na rua.

E – *É só por causa disso que os meninos vêm à escolinha?*

C1 – Não.

E – *Então?*

C2 – Também temos de dizer aos meninos para fazerem trabalhos senão eles nunca aprendem mais.

E – *Sim. Então e acham que a escolinha é importante?*

C1 – Sim.

C2 – Sim.

C3 – Sim.

C1 – É para fazer letras.

C2 – Sim e números e aprender a ler.

E – *Vocês aqui aprendem a ler?*

C2 – Não.

C3 – Não.

C1 – Não.

E – *Então? Porque é que acham que vir aqui à nossa escolinha é importante?*

C2 – Porque...

E – *Vocês acham que é importante vir aqui ao (nome do JI)?*

C2 – Sim.

C3 – Sim.

C1 – Sim. É muito divertido porque brincamos por todo o lado.

C2 – Pois. Brincamos por todo o lado.

C1 – E nas casinhas às vezes.

E – *E tu? Achas que é importante vir à escolinha?*

C3 – Sim.

E – *Porquê?*

C3 – Aprendemos coisas novas.

E – *Para aprenderem coisas novas. E o que é que vocês fazem aqui na escolinha?*

C1 – A fazer desenhos.

C2 – Fazemos desenhos.

C1 – Bonitos.

E – *E mais? Só fazem desenhos?*

C1 – Não.

C2 – Não.

C3 – Não.

E – *Então?*

C3 – Também trabalhamos.
C1 – Também trabalhamos e fazemos coisas novas.
E – Trabalham em quê?
C1 – Fazemos coisas novas para a nossa família.
E – E mais?
C2 – E quando é o Dia do Pai ou o Dia da Mãe fazemos uma prenda cá na escola.
C1 – E quando chega o Dia da Mãe fazemos uma prenda para a Mãe.
C2 – Pois.
E – E o que é que fazem mais sem ser essas coisas? Nos outros dias o que é que fazem?
C1 – Nos outros dias quando não há escola...
E – Não, na escolinha. O que é que vocês fazem na escolinha sem ser as prendas para os pais e para a família? Só fazem prendas?
C2 – Não.
C1 – Não.
C3 – Não.
C2 – Também temos que ter respeito pelas pessoas mais crescidas.
E – Sim.
C1 – E temos de ter atenção e ouvir.
C2 – Sim.
C3 – E temos de fazer o que a professora diz.
C2 – E não podemos magoar os meninos.
C1 – E também não empurrar os amigos.
E – O que é que vocês mais gostam de fazer cá na escolinha?
C3 – Desenhar.
C1 – Desenhar.
C2 – Desenhar.
E – É desenhar? O que é que tu gostas mais, mais, mais de fazer? É desenhar, tens a certeza?
C2 – Sim.
E – É? Pensa lá bem. Quando nós te pedimos para fazer um desenho tu estás meia manhã para o fazer. E tu gostas de fazer desenhos?
C1 – Quer ir para a brincadeira.
E – Então o que é que tu gostas mais de fazer?
C3 – Brincar.
C2 – Sim.
C1 – E ir para a brincadeira.
E – Ah. E o que é que vocês não gostam na escolinha?
C1 – Eu não gosto que os amigos batem.

C2 – Também não.

E – Não gostas que os amigos te batam.

C3 – E eu não gosto...

E – Então vocês não gostam quando os vossos amigos são maus para vocês não é?

C2 – Pois.

E – Muito bem. E quem é que decide o que acontece aqui na escolinha?

C1 – Apanhamos flores.

E – Isso é o que vocês fazem. Quem é que decide o que acontece na escolinha? Quem é que diz aquilo que é preciso fazer?

C1 – São as professoras.

E – Quais professoras?

C1 – Quando nós formos para a escola primária ...

E – Não, aqui na escolinha. Aqui no (nome do JI) quem é que decide as coisas que acontecem?

C2 – As educadoras.

E – Quais educadoras? Todas?

C2 – Não.

E – Então?

C2 – Algumas educam uma sala, outras educam outra sala.

C1 – Uns estão a crescer muito para aprender que são os três anos.

E – E vocês acham que a educadora e a assistente operacional são importantes?

C2 – Sim.

C1 – Sim.

C3 – Sim.

E – Porquê?

C1 – Porque elas fazem coisas novas.

C2 – E ajudam-nos a fazer coisas.

E – Que coisas novas?

C1 – A assistente operacional ajudou a fazer o carro, a prenda do Pai e agora a assistente operacional também está a ajudar com a educadora na prenda da Mãe.

C2 – Pois.

E – Então ajudam-vos a fazer coisas que vocês não sabiam fazer.

C2 – Pois.

E – E tu, achas que elas são importantes?

C3 – Sim.

E – E os vossos colegas? Acham que eles são importantes?

C2– Sim.

C1– Sim.

E – Porquê?

C2 – Porque eles brincam connosco. Se não houvesse colegas tínhamos de brincar sozinhos.

E – E vocês? Acham que são importantes na escolinha?

C2 – Sim.

E – Porquê?

C2 – Se faltássemos todos os dias á escolinha nunca mais aprendíamos mais coisas.

E– Querem dizer mais alguma coisa?

C2– Sim.

E – Diz.

C2 – Nós não podemos ir para os sítios que nós quisermos. Se fossemos para um labirinto que estivesse trancado depois não podíamos sair de lá.

E – Na escolinha?

C2 – Sim. Naquele labirinto. Se alguém la entrasse sem alguém saber uma coisa os outros meninos iam la ficar presos.

E – Diz.

C3 – Não podemos fazer as coisas que nós queremos.

C2– Pois.

E – Porquê?

C3 – Porque...

C1 – Porque quando nós portamos mal...

E – Espera. Fala. Porque é que não podem fazer as coisas que vocês querem? Sabes dizer?

C3 – Não.

C1 – Se nós portamos mal não vamos à rua e nós se portarmos como deve ser vamos à rua sempre.

E – Então têm de se portar sempre bem que é para fazerem aquilo que querem não é? Se se portarem mal a educadora não deixa fazer o que vocês querem. Já está?

C1 – Sim.

C2 – Sim.

C3 – Sim.

E - Então obrigada por terem vindo falar connosco.

Anexo IX - Tabelas de análise e tratamento de dados das entrevistas

<i>1 – Porque é que os/as meninos/as vêm à escolinha?</i>	
Categorias Emergentes	Nº de Respostas
Porque os pais têm de trabalhar para ganhar dinheiro	7
Não têm aonde ficar/ Não podem ficar em casa sozinhos	2
Para aprender	15
Para brincar	9
Para comer	1
Para dormir	1
Para fazer trabalhos	3
Porque gostam	2
Porque as mães mandam vir para a escolinha	3
Para os pais ficarem descansados	1
Porque não estão doentes	1
Porque é o nosso trabalho	1
Número de crianças	23
Número de respostas (algumas crianças deram mais do que uma resposta)	46

<i>2 – Achem que a escolinha é importante? Porquê?</i>	
Categorias Emergentes	Nº de Respostas
Porque podemos brincar	5
Para aprender	14
Para fazer trabalhos	2
Para fazer desenhos	2
Para fazer amigos	1
Número de crianças	23
Número de respostas (algumas crianças deram mais do que uma resposta)	24

<i>3 – O que é que os/as meninos/as fazem na escolinha?</i>	
Categorias Emergentes	Nº de Respostas
Brincam	13
Dormem	2
Comem	3
Fazem trabalhos	4
Fazem prendas	6
Fazem desenhos	9
Aprendem	5
Falam/Conversam	1
Ficam de castigo	1
Cantam a canção dos Bons- Dias	1
Número de crianças	23
Número de respostas (algumas crianças deram mais do que uma resposta)	45

<i>4- O que é que os/as meninos/meninas gostam mais na escolinha?</i>	
Categorias Emergentes	Nº de Respostas
Desenhar	5
Aprender	2
Brincar	15
Aprender	2
Número de Crianças	23
Número de respostas (algumas crianças deram mais do que uma resposta)	22

<i>5- O que é que os/as meninos/as não gostam na escolinha?</i>	
Categorias Emergentes	Nº de Respostas
De Nada	7
Magoar	2
Ouvir histórias	2
Mosquitos	1
Fazer desenhos	1
Que a educadora se zangue connosco	2
Dormir muito tempo	1
Quando os amigos me batem	2
Ter pouco tempo para brincar na rua	1
Ficar de castigo	2
Número de crianças	23
Número de respostas (algumas crianças deram mais do que uma resposta)	21

<i>6- Quem é que decide o que acontece na escolinha?</i>	
Categorias Emergentes	Nº de Respostas
Educadora	16
Assistente Operacional	9
Estagiárias	4
Às vezes nós	3
Número de Crianças	23
Número de respostas (algumas crianças deram mais do que uma resposta)	32

7 - Qual é a importância das educadoras e assistentes operacionais na escolinha?

Categorias Emergentes	Nº de Crianças
Porque nos ensinam	6
Sim (mas não explica porquê)	6
Porque fazemos trabalhos	1
Para aprendermos	7
Cuidam de nós	1
Número de Crianças	23
Número de respostas (algumas crianças deram mais do que uma resposta)	21

8- Qual é a importância dos colegas na escolinha?

Categorias Emergentes	Nº de Respostas
Para brincar	10
Para aprender	3
Para serem nossos amigos	7
São importantes (mas não explica)	1
Número de Crianças	23
Número de respostas (algumas crianças deram mais do que uma resposta)	21

9 – Qual é a tua importância na escolinha?

Categorias Emergentes	Nº de Respostas
Para brincar com os amigos	4
Para aprender	6
Para fazer trabalhos	1
Porque gosto	2
Sim (mas não explica porquê)	6
Não sabe	1
Nº de crianças	23
Nº de respostas (algumas crianças deram mais do que uma resposta)	20

